



Maria de Lourdes, uma nova artista que passou para o teatro!

(Ler entrevista na página da reportagem).



Elegia à morte de Alain Gerbault

(Ler artigo na página 21)



Carlos Arruza e Conchita Cintron vão entrar num filme português?

(Ler página de cinema)



Madalena Sotto, uma artista que depois de ter afirmado o seu valor no nosso Teatro, vai desempenhar o papel da "atriz Isabel" no novo filme português "A vizinha do lado"

VIDA MUNDIAL

ANO IV - N.º 177

5 DE OUTUBRO DE 1944

PREÇO AVULSO ESC. 1\$50

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



Paris — coração do mundo

POR uma congregação milenária do génio de várias raças, a França tornou-se a Pátria da Inteligência, da Arte e da Beleza. Sua privilegiada situação geográfica, fez dela a praça acolhedora, larga e arejada de todos os caminhos do Mundo — porque o mundo todo nada mais é do que perspectiva cultural reflectida pelo espelho bizelado da admirável civilização da Europa — os caminhos que conduzem o Homem ao próprio conhecimento dos pontos cardiais da sua actividade de sempre: — A vida do espírito e do sentimento com todos os seus corolários imediatos.

Se o Sentimento é vida interior do Homem, abrindo-se ao idealismo generoso do amor universal, a vida do espírito não conhece coordenadas geográficas, não conhece fronteiras políticas, aproximando os homens pelo processo gigantesco, sempre renovado, de energias transformadoras no grande mundo da Inteligência e da Cultura.

A França coube o melhor desse génio criador. É porque o consubstanciou radicalmente por uma espécie de metabolismo de forças interiores, cujo segredo se perde no mistério da bio-química dos povos que lhe cruzaram as terras ubérrimas, o génio fecundo da sua raça foi o campo resoluto de todas as liberdades individuais e colectivas, situando o Homem no espaço e no tempo da sua condição de ser livre, com uma dignidade que a História regista em todo o seu processo admirável de luta e sofrimento, de punidor sem igual, cujo índice promissor de ideais mais altos é uma batalha sem fim...

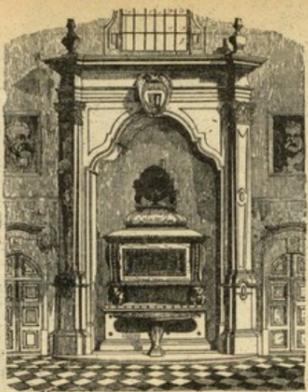
...Paris — capital da França — é, também, o coração e o cérebro do Mundo, auscultando o clamor de todas as ansiedades, sentindo, por si própria, a hora amarga de luto e sangue. Cadinho polarizador de todas as energias, de todas as esperanças do Homem — Paris é o clarão irradiante que lhe ensina o roteiro das mais nobres virtudes.

Oprimida aos efeitos da guerra, lanceada pela fome, sacrificada pela imposição de pesados tributos, subvertida pela alevosia ignóbil de alguns traidores, sofrendo a humilhação das botas ferradas do exército invasor — aviltamento que lhe esmagava o brio altaneiro das suas brilhantíssimas tradições — a Cidade de Paris não se desmentiu: Soube calar com altivez o apróbro que a guinada do tempo lhe atirou para cima. Soube resignar-se com extraordinário aprumo — mas não capitulou.

Dia após dia, hora a hora, de minuto a minuto, conspirou-se na sombra, em vigílias subterrâneas — mau grado os fuzilamentos em massa — com uma tenacidade de luta sobre-humana, anónima, desigual, incansante... E, certo dia, quatro anos depois da sua ocupação, o Povo de Paris juntando-se em volta da bandeira que já conhecera o heroísmo de Pottiers, de Valmy, de Austerlitz e Verdun, peito descoberto às balas e cantando o hino simbólico da Marselhesa — expulsou o inimigo.

A libertação de Paris é uma lição de altivez, um exemplo de dignidade contra a afronta de todas as tiranias.

SALINAS DE MOURA



Este é o mausoléu de Mendo Foles Pereira, esquecido de muitos na sacristia da igreja de Nossa Senhora da Graça.

NA sacristia da igreja de Nossa Senhora da Graça, que pertencia ao convento da mesma padroeira, está um mausoléu que é um dos mais sumptuosos que existem em Lisboa.

Desconhecido de muita gente, o rico monumento é uma obra de fina arquitectura, que perpetua a memória de Mendo de Foles Pereira, que foi ministro na corte de Madrid em 1643 e secretário de Estado no reinado de D. Pedro II. Um dos maiores críticos referindo-se ao mausoléu diz que ele é das obras mais impressionantes de beleza. Tem três metros e meio de altura e é todo feito de mármore de diversas cores, e de bronze. O soco é de mármore branco e preto e revela um poder de singularidade que o admira. Descansam sobre ele dois leões, bem esculpidos, com vigor, e é sobre o dorso daquelas feras que a urna funerária assenta. Esta, por sua vez, está adornada de delicadas esculturas, porém, o que mais ornamenta, e que melhor esplendor revela é a obra de mosaico, que garante as mísulas e as molduras. «O medalhão e os dois génios que o seguram, servindo de remate ao mausoléu, são de bronze e se não podem ser citados como um primor artístico, é certo, todavia, que não nos envergonham, antes nos honram, porque dão testemunho do adiantamento em que se achava no nosso país este

Conhecem este túmulo?

difícil ramo de arte nos princípios do século XVIII, em que o túmulo foi construído.

Estas palavras são dum dos mais eruditos críticos de arte, e com elas pretendeu-se reputar a opinião de alguns que acharam logo remoque e ditos sobre o medalhão, que nada tinha de arte.

O mausoléu está colocado debaixo dum pórtico, em correspondência de outro, mais rico, no extremo oposto da sacristia e que serve de capela.

Os religiosos do Convento de Nossa Senhora da Graça concederam permissão para a construção do túmulo por ter sido Mendo Foles Pereira o reedificador daquela casa. Com efeito foi aquêle fidalgo, falecido em 5 de Setembro de 1708, que tomou a direcção das obras — e com tal vontade e generosidade da sua parte desempenhou a tarefa que a sacristia da igreja ficou sendo uma das mais grandiosas da capital.

No fecho do arco, por cima do túmulo, vê-se o escudo de armas do fundador. Seu irmão, Fr. António Botado, bispo de Hipónia, religioso daquêle convento, ofereceu os ricos painéis com que estão decoradas as paredes.

Muitos escritores têm confundido este túmulo com o de Afonso de Albuquerque. Apesar de estar bem patente à memória que se perpetua, o erro foi alastrando e generalizou-se.

Ora o caso é que o grande Afonso de Albuquerque foi enterrado numa humilde cova rasa, à entrada do convento de Nossa Senhora da Graça. Há muito que os pés dos frades e das pessoas que visitavam aquela casa religiosa apagaram de sobre a lousa o nome do grande batalhador de Goa e fundador do império português no Oriente.

Hoje, com as obras que houve naquêle convento, já se não sabe onde é a sepultura de Afonso de Albuquerque, — nem existe qualquer epitáfio que a lembre.

No retiro da canção

SILENCIO! vai-se cantar o fado». Há um sussurro pela sala. Ajeitam-se cadeiras e alguns, mais desastrados, deixam cair os copos que estavam nas mesas. Dos outros lados fazem «shiu!» com autoridade. O estrado está ao fundo. Apagam-se algumas luzes e fica uma penumbra onde sobressaem os casacos brancos dos criados, que não deixam de servir, com as bandejas atestadas.

«Antão esse copo de água?!» — grita um respeitável cavalheiro de boné, que gingava de impaciência na cadeira ao ver passar o criado.

Outra vez «shiu». O guitarrista e o companheiro da viola já estão sentados, e, com as unhas já arpejam.

Um senhor anuncia, então, pelo microfone, que a voz de ouro da rainha do fado fulana de tal vai ouvir-se na música do «Mouraria» e com letra do altíssimo poeta Eduardo da Bica.

Imediatamente uma rapariguita, magra, de chaile de ramagens, subiu ao estrado e, com as mãos apoiadas nas cadeiras um ar gingado de quem vai insultar qualquer coisa, berrou logo que «a desgraça e a saúde» eram vizinhas do lado, etc. A voz meiga, tinha por vezes, um cansaço e desprezo que comovia. Pelas mesas, alguns entendidos iam acompanhando com a cabeça, ora para a esquerda ora para a direita. Havia filas de mesas que faziam este cadenciado movimento. Dava a impressão das «girls» do Coliseu, ensaiadas por Piero.

Quando acabou o fado uma saralvada de palmas ecoou pela sala, com entusiasmo. Caíram também algumas canecas de cerveja da mesa dum assistente que chelo de aficção queria que ela — e dizia-o aos berros — cantasse a «Madruga» ou o «Louco Marujo». A cantadeira de mãos alçadas agradecia a simpatia do público. Lá no canto houve reboliço — e foi isto que fez esquecer, por momentos a cantadeira. A polícia, calmamente, deu três encontrões e com a lisura requerida meteu tudo na ordem. Tinha sido um sujeito que dissera umas «palermices» a ponto de querer comparar o «Mouraria» com o fado-canção, que pa-

rece um samba. Claro, levou logo nas ventas duas murraças. Aos que não sabem mete-se assim a cartilha pelos olhos. Ainda não encontramos um espectáculo onde o entusiasmo seja mais sincero que no fado. No teatro pode haver uma boa interpretação, pois, à parte mela dúzia de frequentadores palmelam e mesmo assim puxados pela «claque». No retiro dos fados, não. Toda a gente se levanta em péso, emocionada, vibrando. Gostam do fado? Evidentemente. E o que é o fado senão a voz dos que sofrem, dos que amam, dos que vivem? Ouve-se uma guitarra a harpejar a deshoras na baúca, — e uma voz perdida, já avinhada. Pois os que passam, errantes como a noite, têm all o seu «fado» que lhes faz encher os olhos de franto. O fado tem hoje o seu público fiel, aguerrido, que se bate por ele. Mas é o verdadeiro fado. Nada de sambas agutarrados, de dolentes tangos à viola, de viras de harmónio batidos por cordas. A guitarra pertence ao fado — é para o tocar — e cada vez melhor. O fado, expressão do sentimento!

Agora é um cantor que sobe o estrado.

Já não tem o aspecto castiço da cantadeira. Vem de fato cinzento, como qualquer empregado de balcão, sapatos brancos, as mãos nos bolsos, o cabelo chelo de brilhantina. Dá a impressão que chegou da Costa da Caparica e que ainda traz a cabeça molhada do banho. Diz à assistência que está rouco, que tem dormido com febre — por mais um pouco contaria a história da sua vida — e que não quis faltar.

O «dalim-dalim» da guitarra faz-se ouvir. E o cantor desesperadamente, lança-se num lento tango de Gardel, numa toada argentina tão castiça que a gente já não sabe se ele está a arredar os galegos das casas de pasto se a fazer a fala do «faz-tudo» dos saltimbancos.

Enfim, um êxito. Depois vem outra que canta a samba, outro no vira, outra na valsa, outro na «marchinha» — e neste castiço ambiente do fado a canção só tinha sido interpretada uma vez...



(Foto João Martins)

O Outono na cidade

O outono chegou agora a arfar de cansaço, como um moribundo. Todo é cinzento, baço, sem o encanto de encarar o sol, que é o coração da vida. O outono é o romantismo — é o refúgio doentio das almas que esperam mais do sonho do que das realidades. Veem as manhãs tristonhas, ventosas, batidas de chuvas; as ruas tristes são todas irmãs-gêmeas de igual destino; as árvores têm os ramos chagados onde os pássaros não cantam: tudo é magro, vacilante, com o cunho da nostalgia. O sol é a primavera, é a seiva da vida. Ele só põe a cidade em festa — enche os campos de ruído, as almas de alegria. Mas o outono traz a chuva, o abandono, o frio. É ele que se compraz em enregelar os pêzitos das crianças nugas, que brincam nos pátios e bécas, tão pequenos e aconchegados, como casas de bonecos; é ele, que inchado de furor, leva troncos e ramos no redemoinho do seu desespero; é ele que sopra nos mares a indómita braveza do temporal e empurra, borda fora, o pescador que lança as rédeas a pensar nos seus; é ele que chicoteia os corpos magros e doentes daqueles que tiveram sempre por guia o facho sinistro do infortúnio; é ele, que noite negra, rasgada de relâmpagos, toca o sino no campanário e põe o povo no alvorôço da desgraça; é ele que apaga a fogueira onde as mãos se aquecem, que deixa as escuras o santo devoto e milagreiro que põe, no próprio sol, braçadeiras de luto; é ele que gerra os olhos aos moribundos, que têm os pulmões gastos, como as hastas velhas dos arbustos e é ele que estende neve nos caminhos. O outono é a alegria do coval, do poeta melancólico, desganhado e olheirento, que se desespera de viver. E, no entanto, o outono tem encantos. A Natureza deixou de ser tão esplendorosa, retalhada e ferida, e parece que nos diz: tende compaixão! Já não é aquêle grito em plena primavera, quando os cravos e as rosas, orgulhosos e triunfantes, impam de vaidade; com as pétalas e corolas beljadas de luz. Não; agora os campos estão nus, áridos e tristes como as almas sofredoras. Apenas a urze e os espinhos, tudo quanto brota dos úmidos atalhos, reflorescem, para logo morrerem. O outono não sabe cantar. Mas reza, murmura, fala baixinho como um amoroso que tem medo que o oíçam. Há manhãs doces, encantadoras, que perfumam as almas — e há tardes inesquecíveis, mansas e belas que jámais se repetem na primavera.

É nessas tardes que a vida ganha maior amplitude.

Andamos tristes, as chuvadas impertinentes amolecem os nervos, quebram-nos as energias. Mas de repente, o sol frouxo espreita, contente, a querer sorrir. As ruas, ainda molhadas, animam-se, passam aos pares, aconchegados, mãos entrelaçadas, os que lêem pela cartilha da Felicidade. Abrem-se janelas. As roupas, chapadas de remendos, veem a enxugar. Dum recanto uma voz fresca de rapariga canta — e os pregões dos ambulantes, que a chuva reteve, põem, alegremente, uma toada de vida, na cidade esquecida. Há mais alegria. A chuva tem grades — o sol liberdade. E como os convalescentes, que mal saídos do leito, acham a vida dilatada de cor, assim o sol, no Outono, dá a Felicidade de viver. A boquinha da noite, o frio chama para casa. E aí, junto da família, apetece olhar a rua — esse mundo enorme, que deserta, deixa passar o vento. Há quem queira dizer que a Primavera é uma rapariga — e o outono uma mulher. Está bem. Os poetas têm difamado a lua — e alguns, rai-vosos, traídos pelo amor, até já lhe moveram acção de despejo. Ao sol a mesma coisa; das estrelas nem se fala.

Duma coisa, porém, poderemos ficar sossegados: é que a lua, o sol, as estrelas, apesar de terem elegias fervorosas, preces ardentes ou despeitados insultos — haja em vista o que diz aquela poesia «oh! lua maldita que me roubaste o amor!» — continuam, sem encolher os ombros, pela eternidade, a regular o outono e a primavera a seu belo prazer.

E nem que todos os poetas do mundo, por abaixo assinado ao Governador do Céu, implorem menos chuvas ou mais sol, ninguém os atenderá.

É que isto está mau por todo o lado — e bem nos parece que sol, e a chuva, embora sejam artigos de primeira necessidade, estão tabelados...

MANUEL MARTINHO

NOTAS RAPIDAS



Até há pouco, o Dr. Van den Berkof van Kockengen exerceu, entre nós, com verdadeiro espírito de compreensão e amizade, as funções de chefe de imprensa à legação da Holanda. Mas, porque outras funções o chamaram ao seu país, o ilustre jornalista acaba de deixar Portugal. A foto que publicamos foi feita durante o «cocktail» que o Dr. Van Kockengen ofereceu aos seus muitos amigos e constituiu uma expressiva prova do aprêço que o ficou ligando a Portugal.



No gabinete do sr. ministro do Interior, tomou posse o sr. capitão Carlos Alberto Garcia Alves Rocardas — um novo elemento da política actual que vai entrar em actividade para prestar o seu concurso como enfermeiro-mór dos Hospitais Cívics de Lisboa. As palavras do sr. tenente-coronel Júlio Botelho Montz, proferidas nessa cerimónia, que foi muito concorrida, são testemunho do cuidado que ao novo governo vão merecer os problemas hospitalares, cuja solução está em grande parte a cargo do novo enfermeiro-mór.



O sr. dr. Luiz Supico Pinto, novo ministro da Economia, recebeu, há dias, os representantes dos Grémios da Lavoura que foram cumprimentar aquêle ilustre estadista. As palavras que então foram pronunciadas por homenageado e homenageantes mostram o interesse e o carinho dos responsáveis pelos destinos da nação, por tudo que diz respeito aos problemas da terra.

MARIA DE LOURDES UMA ACTRIZ QUE NASCE PARA O TEATRO!

ENTRAMOS nos bastidores do Trindade. Nos camarins, os artistas vestem-se, com requintado apuro. António Silva está à porta do seu, conversando, alegre e bem-disposto, com as súas mangas de camisa. Maria Lalande, numa fugida ligeira espreita no camarim de Lucília e as suas pernas ágeis vão, daí a pouco, em cena, ficar inertes de paralisia... Villaret grita que lhe falta qualquer coisa— e o empregado corre a atendê-lo, que o público já se vai acomodando na plateia.

Ribeirinho e Assis Pacheco, já vestidos, esperam as três sacramentais pancadas de Molière. Igrejas Caeiro e Maria Brandão, mais além, sentados, lêem qualquer coisa. Já se ouve o rumor do público. O teatro está cheio. Daí a pouco o espectáculo começa. É preciso entrar num camarim: o de Maria de Lourdes, essa jovem artista, saída há pouco do Conservatório e que Maria Lalande acolheu, de baixo da sua quente simpatia de grande artista. O público viu-a representar e perguntou:

— Quem é?

E o público é exigente, não gosta de suportar dúvidas. O actor pertence à multidão. É para ela que a Arte se faz— e não para uma *élite* envernizada, de colarinhos de goma, que vai muito ao teatro... com bilhetes de favor. Quando se é artista— Ângela, Brazaço, Taborada ou Lucinda— é o povo que vibra e sofre, chora e ri, — que traz a popularidade, decorando-lhe o nome, dizendo os versos, copiando os gestos.

São as canções e as frases que entram nos bicos, nos páteos, nas casas humildes; é a raia miúda que recorta dos jornais retratos e caricaturas e que gosta dos seus ídolos. Ainda há dias, numa casinha modesta ali do Castelo, sobre uma cómoda, dois retratos emoldurados e de estimação, em que não faltava uma cercadura de renda, chamaram a nossa atenção: Um era da grande Adelinha e o outro de Dina Teresa, vestida de Severa, com a banza sobre o colo.

Vá lá entender o povo. Ele é assim: bondoso e afeiçoado. Ora Maria Lourdes, logo na primeira noite de «Miss Bá», alcançou um êxito de que muitas actrizes, hoje grandes nomes, não se puderam gabar, de início. Daí esta entrevista, momentos antes de entrar em cena. A nó-

vel actriz responde logo à primeira pergunta:

— «Este meu papel de Henriqueta atordoou-me de entusiasmo. Era o primeiro que fazia de responsabilidade. Estudei-o com afincio. Trabalhei imenso— e sobretudo afeiçoei-me a ele, criei amor enfim pela personagem que la interpretar. Acho que é isto na verdade, o que o «papel» devia ter exigido de mim.

— E como reagiu diante do público?

Maria de Lourdes ageita os lindos caracóis, que a costureira acabou de tirar duma caixa— e, com os olhos brilhantes de entusiasmo, atirou logo:

— Confesso que tive nervoso. Compreende a expectativa de me ver ao lado de tão expressivos valores da cena portuguesa, atemorizou-me um pouco. Que diria a assistência de mim? Teria presença? A minha voz seria tão sonora e clara que todos entendessem, os meus gestos?

Na verdade não era a primeira vez que representava. No Nacional já interpretára na «Maria Rita» e no «João Pateta» uns pequenos papéis. Além disso, em Junho, fizera no «Perdoai-nos, Senhor» de Vasco de Mendonça Alves, em provas finais do Conservatório uma interpretação, que, a acrescentar àquelas, me deram contacto com o público. Todavia...

— ?...

— ...Estou satisfeita. O público acarinhou-me e a crítica deu-me incentivo para continuar. É tudo quanto pode desejar uma diplomada pelo Conservatório, que inicia os seus passos artísticos.

— Tem saudades das aulas?

— Multíssimas. Não calcula: todos eram amigos. Aos meus mestres, Carlos Santos, Assis Pacheco e Samwel Denis estou gratíssima. Além disso a camaradagem e o convívio de tantos anos de estudo deixam em nós raízes de amizade que jámais se esquecem.

Há nos olhos de Maria de Lourdes um brilho magoado de doce saudade. Ela decerto estará a recordar-se que não volta às aulas— porque as lições, agora, são no palco onde é preciso tanto sacrifício, renúncia e amor.

— Tirou, além da arte de representar, mais algum curso?

— O de dança, com a professora Margarida de Abreu. Faço parte do



Há neste sorriso uma clara esperança de triunfar.

«Verde Galo». Em Outubro devo ser chamada para os bailados, mas...

— Mas...

— ...preferia ficar no elenco do Trindade!

— Então gosta mais de teatro?

— Sim... Quando ballo fico encantada com o ritmo e sinto a dança com emoção. Gosto das duas coisas... bem vê...

A nóvel actriz está pronta para entrar em cena.

— E cinema?

— Estou agora a filmar na «Tobis» «A vizinha do Lado» a deliciosa comédia de André Brun. Faço um papel de menina *pirosa*, mas de que gosto.

— Afinal ainda não nos disse como veio para o Trindade?

— Devo a Maria Lalande. Conhecia-me do Nacional, daqueles pequenos papéis. Convidou-me— e eu, calcula, fiquei radiante.

Depois de «miss Bá» — já tenho outro papel na «Rosa Engeitada», que vai a seguir. Interpreto uma menina ingénua, que deve estar dentro do romantismo.

Há um curto silêncio. A insinuante Henriqueta de «miss Ba» dá um retoque de «baton» nos lábios diante do espelho. Ainda há tempo de lhe perguntar:

— Como estuda?

— Em voz alta — e sôzinha. Não posso ouvir ruído.

— Os seus espectáculos preferidos quais são?

— Gosto muito, mesmo muito de teatro... mas vou muitas vezes ao cinema. Leio tudo o que me aprece — mas aprecio as obras românticas! E sabe o que mais me distrai, quando não tenho nada que fazer?

— Andar de bicicleta! É divertido...

— Sobre tudo — atalhámos — quando se esfolam os joelhos ou se amachuca o nariz.

Maria de Lourdes ia a volver a resposta, mas o contra-regra vem preveni-la. Pronto já está em cena. A gentil Maria de Lourdes foi-se — e agora, para o público, quem fala é a Henriqueta, que o vai prender de encanto e sedução.

MANUEL MARTINHO



Parte da família: uma pequerrucha sobrinha e a irmã de Maria de Lourdes, que se chama Henriqueta. A coincidência não deixa de ser interessante: o papel da nóvel actriz na «miss Bá» é o de Henriqueta...



Maria de Lourdes estuda sempre sôzinha, em voz alta, e não gosta de ruídos...

Viagens maravilhosas

I

À terra estranha dum povo que não sabe cantar

Há, nos altos de Guatemala, a populosa república da América Central, existe um povo índio denominado «Chiché», que é dos mais interessantes povos do mundo. Ama o silêncio, não sabe cantar nem sorrir. As próprias danças não são acompanhadas por canto. Homens e mulheres, sempre taciturnos, trocam entre si raras palavras. E preferem andar sôzinhos, caminhando com um ar abstracto e distante...

O «chiché» é um povo agricultor e ama, acima de tudo, a pureza da sua raça, a qual ainda descende da civilização Maya. Povo quasi desconhecido do Mundo e que quasi desconhece o Mundo...



Vamos visitar o povo «Chiché» ou seja em tradução vulgar «os habitantes da floresta». Acompanhemos esta pequena caravana de burros que se dirige para Cicicasteango, um dos maiores centros comerciais do povo «Chiché». Como vêem, as casas são baixas e olhado assim de longe, Cicicasteango quasi parece uma aldeia portuguesa...



Mas agora encontramos já as primeiras raparigas do povo. Pensativas, sérias, mas interessantes. Têm uma graça infantil que as reveste duma certa semelhança com bonecas. Desde muito pequenas, começam a trabalhar. Vêm para a entrada das terras, vender bugigangas e utensílios de lavoura...



Hoje é dia de mercado. Vamos a San Francisco, no pincaro da serra, onde se realiza o maior mercado do povo. Está repleto e fazem-se grandes transações. Vêm muitos índios das vizinhanças e chegam a aparecer também alguns brancos curiosos...



E finalmente paramos aqui junto desta família que trabalha, desde os pais aos filhos mais pequenos. Regressaram há pouco do templo (o povo «Chiché» é essencialmente católico) e voltaram logo ao trabalho de todas as horas: a fiação. Têm métodos ainda primitivos, é certo, mas nem por isso deixam de sentir verdadeira felicidade no trabalho...

ITINERÁRIO PITORESCO



A vida e sonho dos ciganos

INDUBITAVELMENTE, eles continuam a ser o mais profundo e o mais impenetrável dos enigmas vivos.

Escritores de todas as raças e de todos os tempos têm tentado em vão resolver esse enigma, desventurando os mistérios da origem, dos costumes, da língua, da religião e até dos sonhos desses vagabundos eternos. Mas os escritores morrem, desaparecem sem terem conseguido realizar tal objectivo. E os ciganos seguem na vida, cada vez mais enigmáticos, cada vez mais senhores do seu mistério, do seu sonho e do seu destino.

A si próprios eles chamam-se «Roma» (plural de rom), que significa homem). E orgulhosamente julgam-se uma raça privilegiada e diferente de todas as outras raças. A designação de «cigano» é relativamente moderna, pois que em tempos idos eles eram denominados «atziganos», derivação de «athinganos», que significa «não me toques» — o que serviu a alguns estudiosos para confirmarem a pretensa superioridade da raça cigana e o seu desdenhoso desprezo pelas outras raças. Aláís, vários autores chegaram a considerá-los descendentes duma seita ascética da Ásia Menor, a qual fugia a todo e qualquer contacto dos homens impuros. Na verdade a linguagem dos ciganos, além de parecer derivada do sânscrito, tem bastantes afinidades com os idiomas usados pelos habitantes da Índia Setentrional.

A sua infiltração pela Europa, enquanto que para os autores bisnatinos se deu através do Egipto (para eles, os «Roma» habitavam a Creta, em 835 e dali teriam emigrado para regiões egípcias), segundo a versão da maior parte dos estudiosos teria sido motivada pela conquista das Índias, no século XV.

De qualquer maneira, porém, é certa a presença dos ciganos em Roma, no ano de 1427, onde se estabeleceram no local que ainda hoje é conhecido pelo nome de «Praça dos ciganos». Depois espalharam-se pela Europa inteira, passando por pobres e heróicos peregrinos epíctos e recebendo assim magníficos presentes. Daí os ingleses denominá-los «gypsies» e os espanhóis atribuírem-lhes o nome de «gitanos».

Mais tarde, a sorte deitou de os favorecer e viveram uma triste odisseia bem conhecida. Perseguidos pelas suas práticas de bruxaria e pelo seu mistério indecifrável — foram banidos de quasi todos os países e a sua vagabundagem tornou-se tradicional.

«Peregrinos dum sonho desconhecido» — como certo poeta italiano lhes chamou — os ciganos dividem-se em dois grandes grupos. Os sedentários estabeleceram-se em regiões certas e dedicam-se a vários trabalhos manuais e à agricultura. Os piramundos, ou melhor, os vagabundos vivem em grupos, guiados por um chefe que, simultaneamente, sacerdote, juiz e representante da tribo diante das autoridades. Os poucos costumes ciganos, nossos conhecidos, são realmente pitorescos. Usam cabelos muito compridos e a barba é sinal de superioridade. As mulheres preferem as cores vivas, sobretudo o vermelho. Em geral vestem-se de trapos, mas usam alfinetes caros e braceletes feitos de moedas preciosas. Têm grandes aptidões para a música e entre eles é frequente o «matriculado», gozando a «mãe-cigana» duma grande autoridade. Mas estes são os costumes conhecidos. Os outros, a grande maioria, pertencem ao mistério da raça cigana, esse mistério que faz parte do próprio sonho.

GENTIL MARQUES

A América e os chineses

SEGUNDO as investigações de B. A. Mc Kelvis, da Associação de História da Columbia Britânica, os chineses já tinham descoberto a América cerca de 1.000 anos antes do nascimento de Cristóvão Colombo.

Demonstram os arquivos chineses, consultados pelo hábil investigador, que os nautas orientais cruzaram o Oceano Pacífico entre os anos 458 e 576 da nossa era e exploraram as costas da América ocidental, reunindo informações sobre a geografia da região e os costumes dos nativos. Assim, eles chamavam Wan Shang ao Alaska, Ta Han à Columbia Britânica e Fusang ao México. Além disso, a tradição ensina igualmente que 500 anos antes de Colombo, os normandos fundaram colónias no Novo Mundo.

Um costume macabro

O fanatismo religioso tem sido origem dos costumes mais extraordinários e extravagantes. Muitos deles, raramente os chegamos a conhecer por existirem apenas em terras distantes, escondidas nos confins do mundo.

Este, por exemplo: os indígenas das ilhas Andaman, no golfo de



Bengala, vivem quasi totalmente nus mas andam sempre com a caveira de algum parente pendurada num colar ou no cinto, como indispensável ornamento de protecção. Segundo dizem, a caveira do parente representa precisamente o anjo bom que os guarda de todos os perigos e de todas as tentações.

COCKTAIL



SERÁ VERDADE?...

E STAMOS a ver os nossos moralistas, os nossos conceituados senhor-bem, de chind, de luvas brancas e tudo o mais, murmurar, entre dentes, com os olhos arregalados: «Oh! Parece impossível! Quem havia de dizer! Mas, francamente!».

Felizmente, porém, que os nossos senhores moralistas e suas conceituadas esposas vivem deste lado do Atlântico, onde a «virtude» e os «bons costumes» são coisa assente e definitiva. Mas que dirão eles, pobrezinhos, se vissem Madame Roosevelt, a dama n.º 1 da América, dançar, como qualquer mortal, um «swing» endiabrado?

Mas a Senhora Roosevelt aqui está e aparece-nos sorridente, como à troçar dos conceituados e pudibundos senhores a quem tudo parece mal. «Não faças caso do que dizem», é um dos «slogans» da esposa do Presidente dos Estados Unidos da América. E diz mais: «Esquece as arreltas e conheceres a alegria de viver. Se pensas sempre naquilo que te pode acontecer de triste ou de aborrecido, nunca poderás desenvolver a tua personalidade. Parecer forte e feliz é sê-lo já!».

AFINAL NÃO MORREU...

OS leitores serão capazes de reconhecer Maurice Chevallier nestas duas fotografias? Pois é ele mesmo, sem tirar nem pôr, mas um bocadinho mais novo, naturalmente.

Numa das fotos vemos Maurice Chevallier com o seu fardamento do exército. Na outra, o primeiro tipo por ele criado quando se estreou no Casino de Paris.

É este o homem que tanto morre como está vivo. Os jornais, de quando em quando, publicam um telegrama, matando-o, e logo depois, um outro, ressuscitando-o.

Mas Maurice Chevallier não morreu, podem alegrar-se os seus admiradores. Está vivo, vivíssimo e com aquela mesma graça de sempre, igual à que ouvimos quando ele cantava na sua voz tão pessoal e com o lábio inferior muito esticado: «Paris, je t'aime!» E ainda bem que não morreu!



Uma mulher salva por um rebanho de vacas

Ainda que pareça extraordinário, esta notícia não vem da América, mas sim da Noruega:

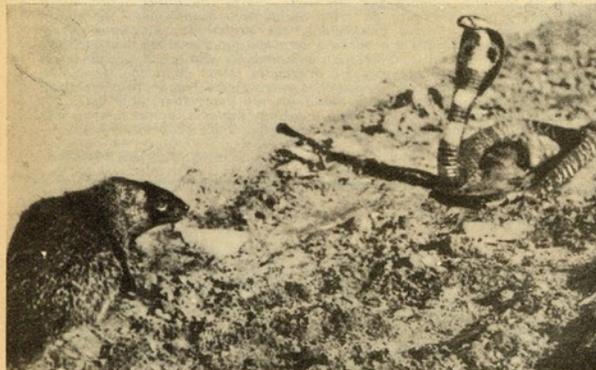
Em Loeten existe uma rapariguinha guardadora de vacas. Até aqui, nada de especial. Mas ela costuma guardar as vacas num grande prado, junto dum toiril.

E aqui começa a história. Um dia a rapariguinha estreou um lindíssimo vestido vermelho.

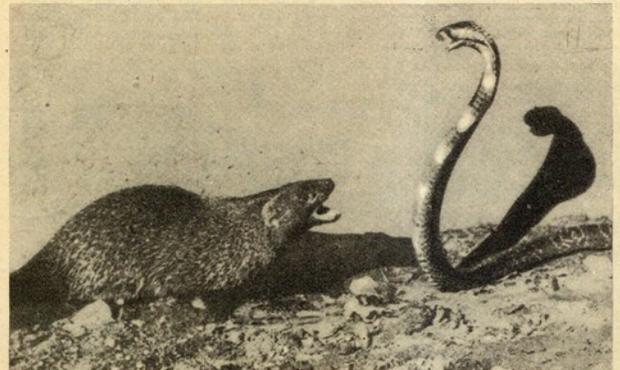
Então, mal a viu, um dos toiros avançou sobre ela. A rapariga estava perdida. Mas, de repente, as vacas formaram um círculo cerrado em volta da sua guardadora. E o toiro não conseguiu passar a barreira, por mais que tentasse. Teve de desistir — e a rapariga salvou-se.

O Livro do Momento
**A PRIMEIRA ALIANÇA
PORTUGUESA**
Por RAFAEL MARÇAL

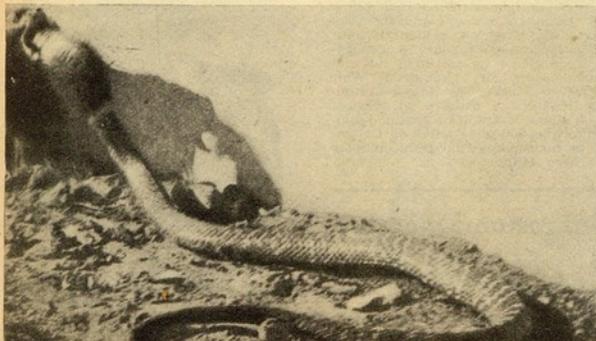
Um mangusto encontra uma cobra



Assim que os dois terríveis inimigos se encontram, ficam parados, como que hipnotizados. É o momento que antecede ao ataque prestes a desencadear-se.



Regra geral, a cobra é a primeira a agir. Ergue metade do corpo, abre a boca, pronta a desferir o golpe. O mangusto põe-se em guarda. Os seus dentes afilados ficam à mostra.



Assim que a cobra ataca, o mangusto recua um pouco, a ver se consegue apanhar entre os seus dentes a cabeça do inimigo, como aconteceu neste caso.



Última fase: a cobra exala o seu derradeiro suspiro. E assim termina esta luta surda entre dois adversários: a cobra e o mangusto.



Contava Eugénio de Castro que tendo uma vez ido ao norte assistir ao funeral duma pessoa de família do conde de Arnoso, combinara encontrar-se com Ramalho Ortigão na estação de Campanhã. O poeta dos Oaristos chegou a Campanhã, desfeito, com a noite perdida. Pois quando chegou já lá estava Ramalho, impecável, magnífico, barbeado de fresco, rigorosamente vestido de preto, sem uma ruga, e com umas polainas irreprensíveis abotoando sobre uns sapatos reluzentes como espelhos...

Eram cinco e meia da manhã...

BERNARDINO MACHADO DITADOR



Bernardino clamou sempre contra as ditaduras. E, entretanto, ele foi, pelo menos um dia, ostensivamente ditador. Foi o caso que uma vez, em Coimbra, numa república da sua presidência, Carlos Lobo de Avila (que vivia conjuntamente) repontou com o facto do presidente Bernardino ter cortado o café no fim de jantar... Bernardino proclamou-se em ditadura — e manteve a decisão contra a maioria que apoiava Lobo de Avila.

VERDE



Quando D. Maria II visitou Coimbra ordenou-se que uma brigada de operários arrancasse a erva que crescera no pátio da Universidade — e que ainda não era arjadinado como hoje é. O secretário da Universidade, conservador à outrance, a quem não fora dado conhecimento daquela medida de limpeza, ao atravessar a Porta Férrea, vendo aquele grupo de operários arrancando a erva, exclamou, com ferocidade:

— Suspendam! Que Sua Magestade gosta muito de verde!

TEATROS



Vai iniciar-se a chamada temporada de inverno nos teatros de Lisboa. Não sabemos o que irá acontecer porque hoje no teatro português a única coisa previsível — é o imprevisível. Em regra, nestes começos de «saison» — e dizemos «saison» porque afinalga mais — anunciam-se estreias sensacionais, repertórios esplendorosos, elencos espumantes, e tudo, com o decorrer do tempo, sob as bátegas do inverno, acaba por se desfazer em nada — ou em pouco. Dantes os teatros, quasi todos, encerravam as suas portas no verão para descansar dos artistas e preparação da temporada de inverno. Agora é o contrário. O verão constitui o prato forte. Oxalá os teatros não vão hibernar como as cobras — fazendo a sonolenta digestão desse prato...

AS MUSAS DE JOÃO DE DEUS



O autor do Amor em Portugal no século XVIII evocava um domingo destes, num dos seus folhetins semanais do «Comércio do Pórt», as Musas de João de Deus — quere dizer, as mulheres que foram, em determinadas alturas da vida do poeta, as suas Graças inspiradoras. Lá se recordam Beatriz, Teresa, Raquel, Emilia, Marina, Damiana, Maria, que passam, sorrindo, nesse eternamente viçoso campo de flores que são os versos de João de Deus. Mas a estas Musas, seja-nos permitido acrescentar aquela com quem o poeta veio a casar, que foi a sua amorosa companheira de quarenta anos, e que é hoje a doce velhinha, sua viuva — a quem desta pequena esquina literária beijamos devotada e respeitosa à mão.

MARIDO E MULHER



Uma tarde estava um numeroso grupo à porta da Bertrand. No grupo encontrava-se Brito Camacho. Nisto passa, descendo o Chiado, um casal muito conhecido na nossa sociedade elegante, ela pelo braço dele.

— Parece que agora estes dois se dão como a unha com a carne! — disse um dos presentes.

Logo Camacho, abanando a cabeça: — Pois dão. Ela até mete a unha na carne dele...

VERSOS



Um velho amigo e camarada dos jornais, Boavida Portugal — um nome que é a aspiração do país inteiro — manda-nos um livro de versos. Intitula-se Equinócio de Março. O título diz com a obra. As suas fôlhas trazem o viço da primavera. Os versos que contém rescendem ao perfume dos rosicais, florindo. Foi mais um rouxinol que nasceu. Atrás de que orelha, meu caro Boavida, fará você o ninbo?

PENSAMENTOS



Oferecemos hoje às nossos leitoras — se é que temos esse luxo — alguns ditos úteis. Eles aí vão: «O precisas ensinar a rezar»; «A fome é a melhor cozinheira»; «Cada beijo conforme os lábios»; «As rosas caem; os espínhos ficam»; «As raposas mudam de pêlo; as mulheres mudam de «raposas»».



(Caricatura de Zéco)

MOREIRINHA

A cidade pode não saber quem é o dr. Moreira Júnior; mas falem-lhe no «Moreirinha» — e toda a gente o conhece. Tem sobre os ombros algumas boas dezenas de anos que, aliás, não lhe pesam muito; a sua fama de médico, de professor, de político, de boa pessoa, foi nêle crescendo sempre. A única coisa que nunca cresceu foi êle. Por isso lhe chamam o «Moreirinha». Ainda hoje está como veio ao mundo; olhos pretos muito vivos, cabeça larga, revôlta, einsteiniana, bigode furtivo, irradiando audácia e simpatia, mas tudo isto sobre palmo e meio de corpo — como certos beróis das fantasias infantis. Mas porque os homens se não medem aos palmos, chegou a ministro, a presidente da Academia — e a milionário. A sua influência estende-se à terra, ao mar (Sua Ex.ª foi ministro da Marinha, sob a presidência de José Luciano) — e até aos astros. Quando o célebre cometa de Halley apavorou o mundo dizia o jornal A Luta: «A passagem do cometa resultará inofensiva para a Terra graças às sábias providências adoptadas pelo glorioso homem de Estado, sr. Moreira Júnior. E o caso é que o cometa passou, trémulo, dimittindo-se a dar à cauda...»

A GUERRA TOTAL

DURANTE a outra guerra — contam os cronistas — as mulheres favoreceram denodadamente o recrutamento militar voluntário. Quando menos se esperava uma miss loira desfechava à queima-roupa sobre o transeunte esta pergunta aliciente:

— Porque não vai para a guerra?

Uma vez, mesmo, no Hyde-Park — são ainda os cronistas que o contam — uma dama vendo estendido sobre a relva um homem bastante novo, embrulhado num capote, fêz-lhe a já clássica pergunta. O homem sorriu, entreabriu o capote, deixou ver uma medalha militar, e respondeu mostrando um braço e uma perna mutiladas:

— Não vou para a guerra — porque não posso!

Hoje a concepção da chamada «guerra total» pode dizer-se que fêz, nos países beligerantes, de cada cidadão um soldado. Não é preciso sair de casa para se entrar na guerra, nem é necessário alguém bater-se corpo a corpo com o inimigo — para merecer uma medalha militar. As frentes de batalha ampliaram-se. Pode afirmar-se, com propriedade, que nesta guerra não há retaguardas. Nos países que se batem, todos os homens e mulheres, velhos ou novos, estão, de certo modo, na primeira linha. Rigorosamente os chamados voluntários desapareceram. Todo o mundo é soldado à força — como sucedia ao médico de Molière. Hoje a metralha reduz, com o mesmo interesse devastador, umas calças de cotim avançando para o inimigo — e umas calças de smocking ondulando uma valsa...

Os saltimbancos do cinema

TODOS os anos, o facto se repete. Mal as praias, as termas ou as aldeias, tornadas em estâncias de repouso, começam a movimentar-se, com os que vêm de longe buscar um pouco de ar puro ou uma simples mudança de cenário para o seu dia a dia, e-los que surgem, com a sua barraca de lona, os cartazes ingénuos e os velhos filmes de muitos anos a anunciar «uma curta série de espectáculos». Antigamente, eram os saltimbancos, o palhaço neurasténico, a cançoneta brêjeira, as contorcionistas famintas, a tentar esconder a miséria sob as lantejoulas de fôlha de Flandres, que a luz do acetilene mal fazia brilhar. Agora, são os cinemas ambulantes, fazendo recuar o espectáculo cinematográfico vinte anos atrás, tal a insuficiência das aparelhagens e a desastrosa composição dos programas. Ressalvo, bem entendido, os cinemas ambulantes dignos do nome. Porque êsses estão para os outros, tal como o circo Luftmann para as mal-fadadas «troupses» de comediantes a que aludi.

Não vá o leitor julgar que exageramos. Ainda agora, na celebrada zona turística da Costa do Sol, nos últimos dias do Setembro bonançoso, tivemos, numa das praias mais concorridas, um «ambulante», instalado em precária barraca de pano, com uma máquina accionada à mão, a repassar, perante uma platéa alvoroçada, os «far-west» do tempo do Ricardo e do Ken Maynard; o «Rebeldes» de Luiz Trenker, estreado, em Lisboa, há dez anos; e «A Revolta na Índia» do Sabu — e tudo isto — passmem leitores! — sem som, como se tais filmes houvessem sido concebidos e realizados, em plena era do mudo. Para elucidação e compreensão do conflito, apenas as legendas sobre-impresas, já insuficientes com o som, mas muito mais insuficientes sem êle. E lembrando-se possivelmente de que o analfabetismo continua a ser um dos inimigos do cinema; com a secreta intenção de dar tempo a que o espectador, com instrução primária, pudesse ler as falas dos personagens às vizinhas do lado; ou ainda porque a manivela pesasse à mão cansada — o projeccionista fez sempre correr os filmes com uma velocidade inferior à normal, o que tornava os gestos dos personagens em grotescos movimentos de um retardador de trazer por casa...

Estes são, na realidade, os saltimbancos dos nossos dias — ou, se assim preferirem, os cinemas de arribação.

Temos de concluir que é realmente triste e sintomático, que no coração de uma zona turística de luxo, o espectáculo cinematográfico esteja ainda representado por estas realidades.

O que deixamos apontado não é um caso esporádico. Chega-nos a informação de que pela Província fora se repetem tão lamentáveis sessões, realizadas, quando o tempo não permite o ar livre, em barracões sem quaisquer comodidades, ou até em cocheiras, como em determinada localidade da linha de Sintra.

E preguntamos se tudo isto estará certo, se tais empresas podem impunemente tripudiar sobre o espectáculo cinematográfico, se não lhes é exigido, no menos, que não o iludam e que não o desacreditem. Sobre-tudo, se nos lembrarmos da missão que poderia caber a êstes homens, que levam a recônditas povoações, a mensagem do Cinema, o Espectáculo dos nossos dias.

FERNANDO FRAGOSO

Carlos Arruza e Conchita Cintron num filme português?

LEMBRAM-SE de se ter falado num filme, que teria possivelmente como intérpretes Gregório Garcia e Nazaré Felício? Lembra-se de que o poeta Silva Tavares chegou a escrever o respectivo argumento, a que deu o título provisório «A Vara Larga»?

Pois volta a agitar-se a idéia desse

filme, desta vez com Conchita Cintron e Carlos Arruza nos protagonistas. Afirma-se que já foram feitas sondagens junto daqueles artistas, e que uma grande firma produtora espanhola estaria interessada na sua realização.

E, por hoje, é tudo quanto julgamos oportuno dizer sobre o assunto.

Agora, que estamos no tempo das dílias, aqui damos às leitoras a sugestão de um toucado, que Joan Bennett lançou, em Hollywood, com um êxito invulgar. Simples, bonito — e extremamente decorativo. Sobre-tudo, bem entendido, quando se tem uma cara como a da famosa vedeta.



UM NOVO FILME LUSO-ESPANHOL

O hóspede do quarto n.º 13

Uma entrevista com Fernando Mendez-Leite, autor do argumento

ARTUR Duarte partiu para Madrid, Artur Duarte voltou de Madrid, tornou a partir e tornou a voltar — e pouco se soube do motivo das suas viagens, além de que estava preparando intensamente uma colaboração efectiva das cinematografias portuguesas e castelhana, para a produção de dois filmes.

Hoje, podemos levantar a ponta do véu sobre tais projectos, que vão concretizar-se, desde já, na realização de uma película luso-espanhola, com duas versões nas línguas respectivas e larga colaboração de elementos técnicos e artísticos dos dois países. E esse filme — «O Hóspede do Quarto n.º 13» — é uma alta-comédia, passada em «décors» sumptuosos, com um ténue fio policial, e cuja acção se localiza no Estoril. Argumento de Fernando Mendez-Leite, premiado, com menção honrosa, no concurso anual de guiões promovido, no país vizinho, pelo Sindicato Nacional de Espectáculo, onde foi apresentado com o nome de «Sangre Azul», título provisório agora alterado para o que já mencionámos.

Quem é Fernandez Mendez-Leite e como se chegou a esta colaboração? — perguntará o leitor. E ninguém mais indicado para nos satisfazer a curiosidade do que o próprio autor do argumento que veio há dias de Espanha, com curta demora no

nosso País, para ajustar com Artur Duarte e João Bastos — autor dos diálogos — alguns pormenores sobre o guião do próximo filme.

Fernando Mendez-Leite, a despeito do Z do seu nome, é português da gema, pois nasceu no Porto, terra dos seus maiores. Cêdo abandonou o nosso País — e dispôs-se a correr a Europa, enamorado do cinema e da indústria, que serviu em tão diferentes postos, com amplo conhecimento e larga experiência profissional. Esteve em Berlim, em Paris e Roma durante demorados períodos. Aí conheceu Artur Duarte — e ambos viveram como nómadas, condicionados aos ares e azares dos contratos que os levavam por esta Europa, então vivendo uma magnífica hora de Paz, ensombreada apenas pelas névens que se desfizeram nesta longa tempestade que dura há seis anos.

Quando a guerra de Espanha chegou, Mendez-Leite, técnico de renome e um dos mais reputados escritores de cinema do país vizinho, dirigiu os Estúdios de Aranjuez. Depois foi o longo acaso da luta cruenta que durou quatro anos. E Mendez-Leite, vítima da tragédia que lhe consumiu uma boa parte da sua vida, enveredou por outros rumos, sem deixar o cinema e os livros, que

(Continua na pág. 16)

Qual das dez? Experimente o leitor poisar o dedo, de olhos fechados, sobre uma delas — ao acaso. Estamos convencidos de que será «a rapariga dos seus sonhos». O cinema ainda não nos disse os seus nomes. Mas vão aparecer em «Thank your Lucky Stars», filme, diz-nos a publicidade americana, que as fará brilhar sob os seus mais belos aspectos...



O QUE DISSE A IMPRENSA SOBRE A PASSAGEM DE MODELOS DA CASA DE PELES

DAVID KIT NO ESTORIL

Diário de Notícias
A festa do Casino Estoril

Foi interessante o festival realizado ontem no Casino que se viu repleto duma enorme e elegante assistência, sendo todos os números do programa muito aplaudidos.

No meio do espectáculo, houve um número dedicado às senhoras e da sua verdadeira predilecção e que causou verdadeira sensação no meio elegante feminino.

A casa de Peles de David Kit fez uma distinta passagem em Castor, Vison e Astrakan, que deslucidamente ao máximo o entusiasmo de toda a assistência mundana que não se cansava de aplaudir e obrigou os modelos à sua repetição, com passagens lentas, para serem devidamente apreciados.

David Kit foi vivamente felicitado por tão rica como vistosa e linda apresentação.



Diário de Lisboa
Passagem de modelos da Casa David Kit

No espectáculo de arte que se realizou na sexta-feira no Casino do Estoril com a apresentação da Revista de Atracções Mundiais, fez a Casa de Peles de David Kit uma notável passagem que enchia por completo o Salão de Festas do Casino teve ocasião de admirar as últimas criações da casa em peles de Castor, Vison e Astrakan. Foi grande o entusiasmo que esta exhibição despertou, aplausos e o pedido de repetição da passagem dos modelos.

A riqueza e sumptuosidade das peles apresentadas é, ainda, o ambiente de grande elegância que rodeou este grande acontecimento mundano asseguraram a David Kit um dos maiores triunfos da sua vida comercial.

DIÁRIO POPULAR
A apresentação de modelos da casa de novidades David Kit

Num dos intervalos da «Revista de atracções mundiais, realizada ontem no Estoril, a casa David Kit apresentou uma finíssima colecção de modelos desfilaram perante a selecta assistência desfilaram as últimas criações em Astrakan, Vison e Castor, executadas naquela importante casa.

A passagem de modelos David Kit deixou a melhor das impressões.





Foi muito concorrido o acto de posse do distinto oficial do exército, sr. major Monteiro Libório recentemente nomeado 2.º comandante da Policia de Segurança Pública. A cerimónia efectuou-se no gabinete do comandante geral, sr. coronel Martins Carneiro, estando presentes muitos oficiais superiores, juizes e elementos políticos que no final cumprimentaram o empossado.



Foram impressionantes e revelam um novo programa de realizações, as palavras que o sr. ministro do Interior pronunciou há dias, ao empossar a comissão encarregada de estudar as soluções dos problemas referentes ao funcionamento dos hospitais de Lisboa. O país, pela boca do sr. ministro do Interior, recebeu a garantia de que, dentro de pouco tempo, terá um estatuto e uma organização capazes de suprir as faltas que se vinham de há muito apontando.



Os funcionários da Philips Portuguesa reuniram-se numa festa de confraternização, motivada pela libertação da cidade holandesa de Etidhoven, onde se encontram as fábricas Philips.

A festa, para a qual foram amavelmente convidados representantes da imprensa, decorreu no meio de grande alegria e animação como se verifica pela foto que publicamos.

Peça na sua papelaria
Produtos «HORUS»
Tintas para escrever,
colas, lacres e papel
químico



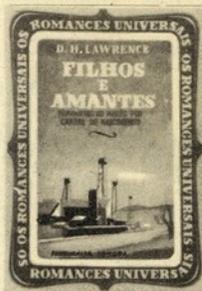
MOISÉS & REIS, L.ª DA

Fábricas: Travessa das Águas Boas, 11 — Telef. 58-497
Rua Fábrica da Pólvora, 22-A — Telef. 81-691—LISBOA

UM EMPREENDIMENTO LITERÁRIO A COLEÇÃO OS "ROMANCES UNIVERSAIS"

FILHOS E AMANTES

Lawrence deixou neste seu extraordinário romance as recordações da sua infância. Ao mesmo tempo que a imaginação se lhe exalta na pintura dos sentimentos que o prendem a sua mãe e do amor que vota, malgradadamente, a várias mulheres, a sua memória faz-lhe evocar a existência dramática dos mineiros.



C

Uma história pungente, em que se debatem a sensibilidade e o amor dum rapazinho nascido para a glória e para o triunfo e que acaba prostrado por uma paixão maligna. Este romance, afirmou um grande crítico inglês: «Haverá poucos escritores no mundo capazes de contar uma história tão viva e tão trágica, num tom de voz tão sereno».

VILLETTE

OU NUM COLÉGIO DE RAPARI-
CAS

Villette é uma espécie de autobiografia. Neste romance magistral se contam os amores de uma professora inglesa. Um dos mais emocionantes romances escritos em inglês, e a obra mais completa de Charlotte Brontë.



O MOINHO Á BEIRA DO RIO

A obra mais notável de George Eliot, a imortal romancista inglesa. Um dos romances eternos da humanidade, do qual foi extraído o filme O Grande Vendaval, a existir agora em Lisboa.

MULHERES APAIXO- NADAS

Esta obra dum extraordinária beleza, conta-nos a história de duas irmãs, profundamente artistas, e de dois bizarros indivíduos a quem se unem. Os quatro atravessam a terra em busca de qualquer coisa inatingível, de uma civilização que não existe, de uma felicidade impossível e imponderável.



VOLUMES DE 500 A 600 PÁGINAS, FORMATO 15x22
MAGNIFICAMENTE IMPRESSOS EM PAPEL DE BOA
QUALIDADE, CAPAS A CÔRES PELOS MELHORES
ARTISTAS

PORTUGALIA EDITORA
AVENIDA DA LIBERDADE, 13, 3.º — LISBOA

A MORTE ESTRANHA DE STANLEY WEBB



1 Stanley Webb, chefe duma quadrilha de chantagistas e contrabandistas, apareceu morto no seu escritório. A morte fora instantânea, segundo declarou o médico legista. Uma bala perfurara-lhe a têmpora direita.

A cabeça de Webb estava assente sobre a capa do famoso livro, onde ele costumava inscrever os nomes das suas vítimas. Do lado direito da cadeira, no chão, estava caído um revólver...

O cenário do crime foi fotografado, enquanto o inspector tomava de memória as suas notas. O cadáver foi transportado para a Margue.



2 O inspector sentou-se à secretária de Webb e entreteve-se a desfolhar o livro, até chegar às páginas 44 e 45 que estavam manchadas de sangue. Nessas páginas, ele encontrou uma lista em código contendo os nomes de muitos milionários e de pessoas influentes, recentemente escritos.

Depois o inspector examinou alguns objectos que estavam sobre a mesa, constatou que a caneta de Webb não tinha tinta e examinando o revólver encontrado viu que disparara dois tiros.

Então ele telefonou para o seu gabinete, confessando-se satisfeito com o caminho que as coisas tomavam. Fazia-se luz no seu espírito...



3 Nesse mesmo dia ele fez uma visita ao local onde se reunia toda a quadrilha de Webb: Joe Drime, Alma Young, Frank Gray, Elm Cook e Joan Bailey.

Depois duma demorada conversa com todos eles, em que lhes disse que Webb fora assassinado decerto por um dos membros da quadrilha, o inspector ficou sabendo que:

a) Havia dois canhotos no grupo. b) Um dos cinco era um hábil

(Continua na pág. 14.)

(Leia a solução no próximo número)

CONCURSOS MENSALIS DE MISTÉRIO E AVENTURA

É IS uma boa novidade, decerto, para os imensos simpatizantes desta secção. Logo que termine a 1.ª série dos nossos problemas policiais — serão incluídos entre os nossos leitores uns curiosos Concursos Mensais, com prémios para os melhores solucionistas e para os melhores produtores.

Sim, porque esses Concursos serão feitos com problemas apresentados pelos próprios leitores e seleccionados pelo «Repórter Mistério», acreditando que a iniciativa interessa, porque ela vem corresponder ao desejo demonstrado por quasi todos os solucionistas dos nossos problemas de colaborarem mais directamente e de criar um motivo de maior estímulo.

Assim comunicamos a todos os leitores de «Mistério e Aventura» que nos podem enviar desde já os seus problemas, os quais devem obedecer às seguintes condições:

- Originalidade.
- Clareza e lógica.
- Escritos dum só lado do papel.
- Não abordando temas políticos ou religiosos.

Os problemas que venham acompanhados por fotografias merecerão preferência de publicação, mas nós encarregamo-nos das fotos daqueles que as não trouxeram. A solução deve vir em folha separada, ainda que na mesma carta do problema.

Estes Concursos Mensais servirão de experiência e de treino para o Grande Concurso de «Mistério e Aventura» a realizar no próximo ano. A eles podem concorrer todos os leitores de «Vida Mundial Ilustrada», quer com o seu nome, quer com um pseudónimo, (neste caso indicarão também nome e morada, para registro nos ficheiros).

Em princípio, diremos que mensalmente, em cada semana, será publicado um dos problemas escolhidos, pela sua originalidade, pelo seu estilo e pela sua acção. Os leitores quando enviarem as suas soluções terão também de enviar um voto de X valores (entre 0 e 20) ao problema referido. Assim, no fim do mês, poderemos classificar os solucionistas pelo maior número de problemas resolvidos, com preferência pelos «Méritos Absolutos» (em caso de empate, recorre-se a sorteio) e poderemos classificar igualmente os problemas publicados nesse mês pelo número de votos obtidos.

Ao vencedor mensal de cada uma das categorias — «Produtores» e «Solucionistas» — será entregue como prémio um romance policial dum dos melhores autores do género.

São estas em linhas gerais, as directrizes estabelecidas, em princípio, para os nossos Concursos Mensais de «Mistério e Aventura».

Entretanto — e porque desejamos uma íntima colaboração de todos os simpatizantes desta página — aguardamos que os nossos queridos leitores se pronunciem sobre a nova modalidade e que nos enviem a sua

CORRESPONDÊNCIA

ZARATHRUSTA (Lisboa) — Queira desculpar o engano, meu caro amigo. O seu nome já foi alterado e a posição está devidamente rectificada. Registro o seu interesse de se corresponder com *Detective de Saías* (Braga). Aguardemos a resposta.

CARLOS PLÁCIDO DE SOUSA (Lisboa) — O senhor, às vezes, faz-me rir... com a sua perspicácia. No que respeita às provas fundamentais do problema n.º 10, peço-lhe para ler, de novo, com mais atenção, o enunciado do mesmo. E lembre-se de que os solucionistas premiados com *Mérito Absoluto*, no referido problema, também são espertos. Quanto aos problemas dos jornais ingleses e americanos posso mostrar-lhe muitos inferiores aos nossos, em fotografia e em história, apesar das possibilidades que eles têm... E, por último, apenas lamento que o senhor tivesse errado a solução do problema n.º 11. Aguardo, porém, com curiosidade, a sua justificação...

IVONE COSTA (Lisboa) — Nunca levo a mal as considerações dos solucionistas quando são delicadas como as suas. Que quer? O ajudante de tesoureiro era pouco esperto... Senão teria arranjado um «problema» mais difícil para vocês...

LYNCOIDE (Lisboa) — Lamento sinceramente a situação em que se encontra. Pode desabafar sempre que queira. Sei o que isso é.

DOIS CACHIMBOS FUMEGANDO (Lisboa) — Boa estrela, na verdade, senhores Cachimbos. O vosso relatório vinha perfeito.

JOÃO ALBERTO GOUVEIA (Lisboa) — Estimo as melhoras e registro os seus agradecimentos a *Repórter X...* (Lisboa).

ANTÓNIO CAETANO BERNARDO (Loures) — Acho preferível meditar mais uma vez sobre a solução que enviou ao problema n.º 12. Encontrará explicação para as suas dúvidas.

G. MAN (Vila Nova de Famalicão) — E tem a certeza de que não está enganado nas suas considerações? Pelo menos, os outros solucionistas não se queixaram...

INSPECTOR MANARDO — Setúbal — Vou estudar o problema que me enviou. É possível que possa servir, para a 2.ª série de «Mistério e Aventura». Futuramente lhe darei a minha opinião. Quanto à novela que V. quer escrever tendo por protagonista uma das solucionistas desta secção — não percebo bem o seu objectivo, mas aí deixo registado o pedido. As solucionistas que resolvam...

LEIRIA DIAS — (Lisboa) — Comunico que acede a corresponder-se com *Joseph Fouché* sobre assuntos de carácter policial, por intermédio desta secção.

TRINDADE — Setúbal — A sua novela já foi entregue à apreciação do director. Ele dirá se serve ou não.

REPÓRTER MISTÉRIO

opinião, as suas sugestões e os seus problemas.

Toda a correspondência deve ser dirigida a «Repórter Mistério» — Rua da Emenda, 69, 2.ª — Lisboa.

Quadro de mérito policial dos solucionistas do problema n.º 17

(Pôr ordem alfabética)

- | | |
|---|--|
| (2) A. Faria de Abolim, (Lisboa). | (16) Leiria Dias, (Lisboa). |
| (13) A. F. da Costa e Castro, (Pôrto). | (14) Manuel R. Moraes, (Lisboa). |
| (6) Adolfo Lima, (Famalicão). | (11) Mário Claro da Silva, (Pôrto). |
| (3) Agente Ferdol, (Lisboa). | (6) Máscara de Cobre, (Moita). |
| (13) Alberto de Oliveira, (Lisboa). | (5) Máscara Vermelha, (Moita). |
| (7) António C. Bernardo, (Loures). | (2) Mimi, (Viana do Castelo). |
| (13) Artur Varatojo, (Lisboa). | (12) Mimi Sherlock Holmes, (Lisboa). |
| (1) Aurora da Silva, (Lisboa). | (6) Mr. Smith, (Algés). |
| (8) Carlos Idães, (Lisboa). | (13) M. S. A., (Colmbra). |
| (7) Charlie Chambera, (Lisboa). | (16) Natércia Pereira Leite, (Lisboa). |
| (5) Dois Cachimbos Fumegando, (Lisboa). | (6) O Homem do Cachimbo, (Lisboa). |
| (4) Duarte Cofeol, (Pôrto). | (10) O Lobo Solitário, (Pôrto). |
| (9) Ele e eu, (Lisboa). | (14) Par Invisível, (Lisboa). |
| (4) Francisco de Aguiar, (Oliveira-do-Douro). | (9) Philo-Vance, (Setúbal). |
| (2) Inspector Montenegro, (Pôrto). | (14) Rapsag, (Setúbal). |
| (3) Inspector Manardo, (Setúbal). | (11) Rômulo, (Lisboa). |
| (3) Inspector Serrano, «O Sifras», (Faro). | (7) Sálvio Juliano, (Esmoriz). |
| (12) Ivone Costa, (Lisboa). | (5) S. T. Maranhinhos, (Lisboa). |
| (8) José Bálamo, (Lisboa). | (12) Teimoso n.º 1, (Loulé). |
| | (2) Unknow G-Man, (Loulé). |
| | (16) Zirteba, (Lisboa). |

A Guerra e a Paz

COM o seu complicado ziguezague de rios e canais, a Holanda é um país naturalmente difícil de conquistar: consequentemente, um país fácil de defender. A água era o aliado natural dos Países Baixos. Antes de 1940, a Holanda era um país neutral, próspero ainda à ideia de que, na outra guerra, na de há 30 anos, essa neutralidade pudera ser respeitada e mantida, através de todas as dificuldades, mesmo na encruzilhada geográfica de tantos combates decisivos. Quando o Kaiser, forçado pela derrota e pelas circunstâncias de ordem interna, teve de abandonar o trono e o país, foi em Doorn, na Holanda, a dois passos da fronteira alemã, que encontrou refúgio seguro e tranqüilo. Esta concepção de neutralidade orientou a política externa dos governos de Sua Majestade a rainha Guilhermina, cujos exércitos tinham uma expressão por assim dizer teórica, à face do que já então era o potencial de guerra das nações europeias. Só à última hora os holandeses pensaram a sério em criar uma força armada, mas considerava-se que a mobilização geral não poderia fazer reunir um efectivo superior a 500 mil homens.

Em boa verdade, tudo isso tinha um valor por assim dizer simbólico, pois continuava a acreditar-se tranqüilamente que a invasão do país nunca iria além da simples ameaça. Todavia, em 10 de Maio de 1940, essa ameaça concretizou-se: os alemães invadiram o país, pondo em prática, pela primeira vez, a tática do envolvimento vertical, que se revelou de impressionantes resultados e, ao fim de cinco dias, tinham ocupado o país. A verdade é que a Holanda não tinha exército apetrechado, que viviam no país 10 mil alemães, que a surpresa jogou como um elemento decisivo, que a própria «quinta coluna» dos nazis holandeses favoreceu todo o desenvolvimento do ataque. O armistício subscrito pelo general Winkelman reconheceu a derrota do exército holandês, mas o certo é que esse exército foi obrigado a capturar quase sem ter tido possibilidade de combater. A campanha durou, exactamente, de 10 a 15 de Maio.

Quatro anos e quatro meses depois, com a guerra a correr ao contrário, o comando aliado tentou repetir a manobra alemã, procurando o lance decisivo na acção das forças aerotransportadas. O lançamento de fortes contingentes de paraquedistas na linha Eindhoven-Nimegen-Arnhem tinha o objectivo de tragar a directriz do avanço que deveria possibilitar a entrada na Alemanha, o acesso à bacia do Ruhr e ao coração vital da Renânia, o flaqueamento da Linha Siegfried e o caminho para Berlim. «Esta operação — comentava-se em Londres — pode abreviar a guerra um mês». As pontas avançadas do exército britânico (comando do general Dempsey) conseguiram progredir em força e ligar-se sucessivamente aos núcleos desembarcados do ar nos dois primeiros pontos daquela seta, transpondo, para isso, os braços de água sobre que se apoiava a defesa contrária. Mas o terceiro ponto, Arnhem, falhou. Um poderoso núcleo da 1.ª divisão aerotransportada britânica — a «fina flor da especialidade», disse-se em Londres — perdeu-se na refrega. A operação, em boa verdade, embora tivesse contribuído, evidentemente, para facilitar êxitos parciais da campanha, perdeu-se na sua finalidade de conjunto. Os alemães apregoaram o êxito e os ingleses não esconderam a situação, que, recordando o que se dissera ao começar-se o empreendimento, significava, afinal, que a guerra deixara de ser encurtada um mês. E um mês, nesta altura, à vista do inverno, significa uma estação inteira.

Foi, por certo, à base deste pensamento que o Primeiro Ministro britânico proferiu o seu último discurso, a refrear o optimismo exagerado daqueles seus compatriotas que previam para já o final da guerra. «Só para o ano» — disse-lhes o sr. Churchill. Este adiamento, porém, de nenhum modo altera a previsão da vitória — e tanto que, após a reunião de Quebec, se anunciaram já as medidas previstas para pôr em prática contra o Japão, designadamente o emprego em massa da esquadra britânica para reduzir o poderio nipónico que se alargara medonhamente por todo o Pacífico. Esta será, porventura, segundo os melhores cálculos dos Aliados, a campanha de 1945.

Para liquidar a campanha da Europa, falta, afinal, a batalha decisiva sobre o próprio território alemão. As linhas onde se travam agora os combates são os cursos do Reno, do Danúbio e do Vístula. Roma, Paris, Belgrado, Bruxelas, Bucareste, Sofia, Helsínquia, Kaunas, Talin, são capitais onde deixou de ondear a bandeira com a suástica, símbolo do poderio hitleriano. A batalha de Varsóvia é um episódio à parte. Berlim será o episódio derradeiro, qualquer que seja o carácter do desfecho que cabe à fase actual da guerra. Depois, haverá que organizar o novo estatuto das nações — mais um a somar ao tronco que, desde 1648, com a paz de Westfália, constitui a complicada estrutura diplomática do mundo moderno. Ao longo destes três séculos, as concepções políticas têm sofrido as mais profundas transformações: a paz de Versalhes foi uma construção de natureza democrática, pois chamava todos os povos, por assim dizer, ao exercício dos seus direitos políticos. Pelo que se tem dito agora, apesar da guerra ser conduzida pelas democracias britânica e americana, parece poder depreender-se que a solução será de feito diferente. A nova carta dos povos não será, talvez, votada: será, antes, doada, como, em 1815, no Congresso de Viena, os príncipes decidiram da sorte das nações. Tudo estará, afinal, no talento de saber conciliar as conveniências ocasionais com as realidades eternas, fugindo-se a uma repartição esquemática, geométrica, que não leve em linha de conta o perigo de um breve despertar de reivindicações adormecidas. É fora de dúvida que, com todos os seus defeitos, a paz de 1919 pôde trazer consigo solução equilibrada e justa para um grande número de problemas. As complicações posteriores abriram novas razões de meditação. Estarão os homens do nosso tempo à altura de as decidir?

J. R. S.

Na velha Europa...

A nova Jugoslávia



EM princípios de Abril último, o rei Pedro II da Jugoslávia teve duas longas entrevistas com o Primeiro-Ministro Churchill. No dia seguinte, o jovem soberano demitia o governo exilado, dirigido por Bozhidar Purich, e desautorizava publicamente o seu ex-ministro da Guerra Draja Mihailovitch. O que se passava?

O crescente predomínio do marechal Tito, a pressão russa que exigia o reconhecimento completo das organizações guerrilheiras jugoslavas e a insistência britânica para que o monarca acedesse às instâncias das Nações Unidas forçaram Pedro II a afastar todos os colaboradores que se tivessem revelado adversários do chefe dos «Partidários». As perspectivas reais do filho do malogrado Alexandre continuavam, no entanto, a ser bastante precárias...

Aos 20 anos apenas, dois meses depois do seu casamento com a princesa Alexandra da Grécia, Pedro II era o eixo à volta do qual giravam os mais desconcertantes e desencontrados interesses. E a verdade é que ele, sózinho, nunca poderia ter despedido ministros que lhe tinham sido tão fiéis ao ponto de serem adversários de combatentes que lutavam pela libertação da Pátria.

Por conseguinte, escudado por Winston Churchill e pelo Governo britânico, o soberano exilado condensou em remodelar e ampliar o seu gabinete.

Por outro lado, o interesse da Grã-Bretanha revelava-se, simultaneamente, inteligente e egoísta: isto é, os desígnios dos seus governantes eram encontrar uma solução que satisfizesse a Rússia, não pusesse de

lado o marechal Tito e preservasse a monarquia, o que significaria a salvaguarda dos últimos vestígios da influência britânica naquela parte do Mediterrâneo.

Todavia, Pedro II ao concordar em demitir o seu antigo governo, impôs a condição de que o novo gabinete deveria ser «neutral» — não seria composto nem por correligionários de Tito nem por partidários de Mihailovitch e, partindo desta ideia inicial, encarregou o Dr. Ivan Subotic não só de formar o novo governo mas, também, de procurar estabelecer acôrdo entre os políticos exilados em Londres e os chefes guerrilheiros do interior da Jugoslávia.

Com êste fim, o Dr. Subotic acompanhou o Primeiro-ministro britânico na sua última viagem à Itália, onde ambos conferenciaram com o famoso marechal Tito. Dêste encontro há muito esperado e desejado por ambas as partes, resultou o estabelecimento dum acôrdo que, além de confiar a Tito a chefia de todos os sudoslavos dispostos a combater contra o ocupante, consolidou a situação política e deu forma quasi concreta ao futuro da nova Jugoslávia.

ANTECEDENTES POLÍTICOS E MILITARES

No ziguezague balcânico e europeu, os factos políticos da Jugoslávia têm, sob todos os aspectos, um significado muito mais transcendente do que os problemas militares. Dos três anos de implacável e desesperada luta de guerrilhas nas montanhas sudslavas, resultou a formação dum novo exército que conseguiu, durante todo êste tempo, interromper a evolução colaboracionista dos estadistas germanófilos e entrar os movimentos de divisões militares alemãs, compostas por mais de 300.000 homens.

Com o crescente auxílio prestado pelas Nações Unidas, os resultados da acção destes patriotas estão bem patentes à vista de todos. Todavia, em relação ao futuro, é para a administração política que se deverá olhar com atenção, tanto mais que, neste momento, não só se estão a traçar os alicerces do futuro Estado sudslavo, mas também estão a entrar em eqüilíbrio novos problemas que porão à prova as boas e as más intenções da Rússia, por um lado, e dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha por outro.

JOSÉ CORREIA RIBEIRO

(Sobrinho)

Pietro Caruso foi o chefe da polícia de Roma durante o fascismo. Com a libertação da capital italiana, Caruso procurou refugiar-se num convento. Descoberto, foi preso. Condenado à morte por um tribunal marcial, foi fuzilado. Aqui vemos Pietro Caruso pouco depois de ser preso, ferido pela multidão que procurou fazer justiça pelas suas próprias mãos.



«GONGS»

Crítica
Informação
Comentários

Carmen Miranda, a popular artista da Rádio brasileira, foi, como todos sabem, para a América do Norte. Filmou. Cantou em programas especiais. Subiu aos píncaros da fama. Ora isto é bastante difícil e só se consegue tendo classe e valor artístico. Pois, mesmo assim, eis duas gracinhas da crítica norte-americana.

—Que mais demolidora do que a nossa — disse Charlie Chaplin. — Que «Carmen Miranda é apenas um OCIDENTE na música popular brasileira» — disse Agripino Grieco. — Que «Carmen Miranda é a rouquidão mais bem paga e mais brasileira de todo o mundo...».

* * *

Temos ouvido com muito interesse a nova colaboradora da E. N., MARIA EUGENIA, protagonista do filme «A Menina da Rádio». Concluímos, após 3 ou 4 emissões que M. E. está na Rádio, porque tratou em cinema dum assunto de Rádio. É pouco. Precisa antes de mais nada, acertar no género artístico e marcar valor radiofónico apenas pelos méritos da sua voz e da sua interpretação. Estamos convencidos que isso será fácil, com mais uns tempos de trabalho e a boa orientação que ainda não encontrou.

* * *

Percorreu a América do Sul, pela primeira vez em todo o mundo, a primeira companhia radiofónica. Apresentou-se em quasi todos os países sul-americanos e ganhou rios de dinheiro. Após 6 meses de trabalho, a Companhia desfêz-se e os seus lucros foram divididos. A companhia compunha-se dum locutor ligeiro — dominando bem o português e o es-

panhol, duma orquestra ligeira e dos artistas: Linda Baptista, Pedro Vargas, Adelina Garcia, Jean Sablon Tito Guizar e Mercedes Simon. Com este elenco, não é difícil supor os êxitos conseguidos...

* * *

A publicidade encapotada, que certas estações centralizadas do Porto, fazem desenfreadamente, tem atingido autênticos cúmulos do disparate e da irresponsabilidade.

Desde a transmissão dedicatória (remunerada a X o disco), até ao réclame disfarçado em título de trecho musical, vai uma série de azeiradas que a verdadeira missão da Rádio não pode compreender. Apoiamos a publicidade radiofónica bem orientada; achamos mesmo, que tal se deve permitir. Mas... assim, não!... Isto prova incompetência, falta de senso, miséria, má orientação, etc... Vamos acabar com esse género de negócio radiofónico!...

EXITOS DA RÁDIO

«CONCERTO P'RA DOIS...»

Versos: F. Curado Ribeiro
Música: Tschalkowsky

Ós, tu e eu,
mais ninguém!...
Há estrelas—sois—só p'ra nós...
No céu um manto de luz,
prêso no ar,
a rebrilhar...
Ós, tu e eu,
mais ninguém!...
Silêncio e noite
Sem par!...
E, à nossa volta,
a luz—o luar—,
a brisa—o som—,
o amor e o céu,
um «CONCERTO P'RA DOIS»,
que é teu e meu...

ATRÁS DO MICROFONE

Olavo de Eça Leal e as suas oito respostas

Confessou-se tudo isto ao Olavo. Ele compreendeu. Concluímos que tudo se resolveria melhor se o entrevistado se entrevistasse e o repórter não existisse... E depois... o Olavo, autêntico profissional destas coisas de jornais, sabe muito bem — e muito melhor do que o repórter — o que tem a fazer...

Aqui o têm, portanto, entregue a si próprio, perante as habituais perguntas da tabela das entrevistas...

As perguntas foram numa carta; as respostas vieram noutra carta. Ela aqui está, com todo o seu sabor.

* * *

Meu caro amigo:

Antes de mais nada, peço-te o favor de explicar aos estimados leitores da tua revista que, até agora, não concedi, a propósito das minhas actividades na «Cinelândia», nenhuma entrevista. Publicou-se, há poucas semanas, uma pseudo-entrevista comigo, puramente inventada por um bem-intencionado redactor, que bastante me contrariou por todos os motivos e ainda por me ter comprometido aos olhos de quem me contratou e tantas vezes me pediu para não dar entrevistas a ninguém. Posto isto, comecemos:

1.ª pergunta: «Porque deixaste a locução?»

Resposta: Tudo tem o seu tempo. A locução, para mim, tinha feito o seu tempo. O microfone é uma válvula de escape... Dá-nos, como sabes, uma gana de universalismo que nunca mais acaba. Parece que queremos ir atrás da voz... Eu não só quis ir atrás da voz, como desejei mesmo colocar-me à frente dela... Compreendes! Não podia ir o carro à frente dos bois!... «Era admissível consentir que a minha própria voz tomasse o meu lugar? De resto, essa «pseudo-voz-de-ouro» era paga com ligeiros cobres... e pesadas chumbadas. Tenho mais que fazer e muitos encargos...»

2.ª pergunta: «Como começaste na Rádio?»



O Óscar e o Arménio zangaram-se

NÃO temos nada com isso e cada qual sabe o que lhe convém...

Em todo o caso lamentamos sinceramente, que por uma má compreensão ou por uma falha, que talvez se possa atribuir a ambos, o panorama radiofónico português, tenha perdido o único duo falcionista e humorístico que possuía. Óscar de Lemos e Arménio Silva, dois artistas que o público distingue foram durante tempos e enquanto juntos, os reis da simpatia, a única nota alegre das nossas emissões oficiais.

Respeitando os opiniões de ambos, sempre aventuramos um voto para a reconciliação...

Cartas aos ouvintes

Esta secção responde às perguntas e destaca todos os assuntos de interesse radiofónico, que lhe sejam dirigidos, por escrito, para «Rádio, «Vida Mundial Ilustrada» — Rua da Emenda, 69 — Lisboa».

R. A. RODRIGUES — Caldas da Rainha — Escreve: «...é nefasto o estado actual de publicidade radiofónica, principalmente, para quem, como eu, ouviu durante anos a Rádio brasileira e americana».

— Tem muita razão!... Mas creia: a culpa é mais do anunciante, do que do anunciador...

OLÍVIA HORTA — R. Fialho de Almeida — A nova locutora da E. N., ainda em regime estagiário, é Joana Campina Miguel, finalista do curso superior de Letras. Dirija-se à própria.

LUIZA VIEIRA — Lisboa — Dirija-se aos interessados e proponha-lhes o que pretende. Sinceramente, não vejo grandes possibilidades na sua pretensão.

— Para a E. N., também pode fazer-lo pessoalmente.

AMIGO E LEITOR

A secção de Rádio da «Vida Mundial Ilustrada», a partir de hoje, é dirigida por alguém que tem dedicado à Rádio o melhor do seu esforço. Isto não quer dizer a mínima ideia de sabedoria e impecabilidade; também não quer apontar uma possível orientação anterior deficiente; muito menos quer que se repare na pessoa. Quer apenas e sinceramente dizer, que em continuidade de ideal e no mesmo caminho que há anos se percorre esta página será esforçadamente «a bem da Rádio». Vai procurar-se, cumprir, não dar ouvidos a pedidos de favores ou a sugestões dúbias, não entrar em «panelinhas», ser imparcial e correcto. Vai procurar-se ser útil à Rádio, convicto de que a Rádio — se já o não é — um dia, será útil a Portugal.

E, de todos os erros que aqui vierem, acusando sempre e só, o vosso

FERNANDO CURADO RIBEIRO

P. S. — Sabe-se bem, muito bem mesmo, que quem tem telhados de vidro, etc...».

(Continua na pág. 16)



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
17,45	WRUA	25,40	WRUL	19,5	WRUS	19,8	WRUW	16,9
18,45	WRUA	25,4			WRUS	19,8		
19,45	WRUA	25,40	WGEA	25,3	WRUS	19,8	WGEA	16,8
			(Meia hora de programa especial)					
20,15								
20,45	WRUA	25,4	WGEA	19,6	WRUS	19,8	WGEX	16,8
21,45	WRUA	30,9	WRUL	25,6	WRUS	19,8		
22,45	WRUA	30,9	WLWR	23,1	WRUS	19,8	WGEX	31,4
			WLWR	23,0				
23,45			WLWR	23,1			WGEX	31,4
			WLWR	23,0				

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 18,45 às 19.

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA

APRENDA LINGUAS



COM OS CURSOS COMPLETOS EM DISCOS

O ensino mais rápido, perfeito e económico

Milhares de pessoas têm seguido este método com absoluto êxito. Não há outro que permita em curto espaço de tempo, com pouco esforço e despesa mínima, adquirir pronúncia impecável, vocabulário abundante e prática para falar e escrever correctamente.

VISITE OS

Est. Valentim de Carvalho
RUA NOVA DO ALMADA, 97

ESCOLA DE CORTE, COSTURA E CHAPELIS

M.^{me} Justo

A MELHOR E A MAIS BEM FREQUENTADA DE TODO O PAÍS
CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

VAMOS dar início à grandiosa exposição de trabalhos em alta-costura e chapéus que tão ansiosamente esperada é por centenas de senhoras desejosas de admirarem os trabalhos exclusivamente confeccionados pelas alunas desta Escola e ao mesmo tempo colherem indicações seguras do valor, eficácia e compreensão do método de ensino da Escola «M.^{me} Justo». A Direcção desta Escola tem cumprido e há-de continuar a cumprir com o anunciado nos jornais e se alguém possa ter dúvidas do que sempre temos afirmado, bastará fazer uma pequena visita à nossa exposição e ficarão sabendo o que é e quanto vale a Escola «M.^{me} Justo». Daremos estas facilidades com 3 ou 4 dias de entrada franca para assim poderem ajuizar e sem entraves os trabalhos expostos para confirmarem depois que a Escola «M.^{me} Justo» é de facto a ESCOLA N.º 1 DE PORTUGAL.

SEDE, DIRECÇÃO E SECRETARIA
R. DE S. LÁZARO, 127, 1.º e 3.º ANDAR

UMA GOTA DE «HERPETOL»

E O DESÊJO DE COÇAR PASSOU. A IRRITAÇÃO É DOMINADA. A PELE REFRESCA-SE E O ALÍVIO COMEÇA

«HERPETOL»

É UM MEDICAMENTO SÉRIO E CERTO PARA TODOS OS CASOS DE ECZEMA (HUMIDO OU SECO), CROSTAS, FERIDAS, ERUPÇÕES, ARDÊNCIAS NA PELE, ETC. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em tôdas as farmácias e drogarías

Preço avulso: 11\$00



UMA DEFESA PERMANENTE CONTRA AS BACTÉRIAS E UNS DENTES SÃOS E BELOS TERÁ V. Ex.ª NA BOCA SE USAR:

Sulfadentina

A primeira Pasta Dentífrica com Sulfamida

Preço: Tubo médio..... 10\$50
» » grande..... 15\$00

Mistério e aventura

(Continuação da pág. II)

falsificador. c) Webb amava um dos elementos da quadrilha, o qual era contrabandista. d) Alguém dissera a Cook e a Gray, na ausência do assassino, que Webb os queria denunciar à polícia, para poder «negociar» sozinho. e) Segundo as informações de Joan, o assassino viria um primo de Weebb estar a conversar com o contrabandista. f) Gray não se queria meter em contrabandos. g) Drime e Joan garantiram que o contrabandista à hora da morte estivera longe. Drime acusou um dos colegas recentemente saído da cadeia. h) Cook partilhava em absoluto das idéias de Gray. i) O falsificador era canhoto.

Pergunta-se: I—O que levou o inspector a concluir que Webb tinha sido assassinado? Porquê? II—Quem prendeu o inspector como assassino de Webb? Porquê?

As três pancadas

«A Marechala»

O critério que pomos nestas notas críticas, porque de críticas, verdadeiramente, não se trata, é o da justiça e o do bom-senso. Podemos algumas vezes errar — mas temos a certeza de que a crítica aos nossos erros provém dos erros dos outros. Temos uma consideração extraordinária pelo trabalho alheio, mas consideramos ainda mais o Teatro, abstraídos de actores, actores, enajenados e até do próprio público que nem sempre sabe conduzir-se e que, portanto, merece tanta censura como o resto dos elementos que constituem o espectáculo, pois supomos já ter lido — e se não lêmos é porque a ideia é nossa — o público é parte integrante e essencial do espectáculo.

A reposição desta peça de Pericard não era aconselhável. Há muito que ela andava na ideia de Maria Matos mas não vemos onde está a vantagem de repór uma peça de falso sentido histórico, de construção e processos de fabulação ingénua, povoada de ridículos monólogos, pois o teatro moderno já não se socorre dêles, para que as personagens manifestem o que pensam. Depois, a tradução é inconcebível de burlesco, de um traço grosso que não corresponde ao original. Como é que Eça Leal, que foi um espírito delicado, pôde fazer esta tradução? O desagradável do espectáculo provém, precisamente, da deturpação do original, ao serviço de uma inferior farsa. Foi o que se chama uma torcedela para aqueles que certas empresas convencionaram ser o público do Parque Mayer...

Peças destas só devem ser repostas quando altamente bem traduzidas, representadas e vestidas... em espectáculo cultural, deixando-lhe todo o sabor delicado e ingénua que ainda assim aqui pretende apontar.

* Maria Matos, uma boa comediant e professora do Conservatório, deixa-se influenciar pela parecer da aqueles que entendem que o seu êxito está em fazer rir, mal entra em cena. Daí, usar de certos processos nem sempre artísticos, em desfavor das suas reais qualidades de comediant e. Quando quer, sabe tirar partido cômico de pequenos nada, estuda os papéis e imprime-lhe o resco. Mas, para que há-de articular até à farsa o papel de uma mulher que foi inculca mas não insuadível, ao ponto que a apresenta? E todavia, como há cenas por Maria Matos bem representadas! Erico Braga esteve particularmente bem, quando colaborou como autor, o que não é de aconselhar que se repita. Perry melhor que ultimamente. Benamor um pouco postigo, Fernando de Sousa pouco metida na personagem, Vital dos Santos certo, Maria Helena igualmente certa, Maria Shultze e Carlos Baptista valorizando particularmente os pequenos mas bons papéis que lhes couberam.

* É muito difícil tirar partido, em palcos com as características dêste, de recomposições que pedem desafogo, combinações de planos, luzo, bom-gosto e carácter próprio. Neste pormenor, Pinto de Campos defende-se como pôde e o cenário do 1.º acto — ambos, aliás, com bonitos móveis e arranjos de cena de bom-gosto por Erico — pode talvez apontar-se como gracioso. Só aqueles reposteiros ao fundo não convencem...

Da indumentária, apontemos só o que nos pareceu pior: a stollette de Maria Helena, no 1.º acto, etérea que não se quadrava com o seu tipo realmente pouco etéreo. O vestido de Maria Shultze está muito mal executado e é pena, porque é gracioso o conjunto. O vestido de Maria Helena, no 2.º acto, está também francamente mal executado, talvez porque os nossos «ateliers» estão habituados a trabalhar quasi exclusivamente para a revista. E o teatro declamado veste-se de outro modo...

Em suma, façamos um elogio final ao propósito que houve de criar um bom espectáculo. Se êle não resultou como o pensaram, nem por isso deve ser menos de considerar êsse mesmo bom propósito.

ESPECTADOR

Carta anónima à actriz Maria Matos

MINHA Senhora: Esta carta vai sem assinatura. Que importa? É mais uma carta anónima, uma dessas muitas que o correto todos os dias lhe há-de levar, umas vezes para a elogiar, outras para a castigar com a sua crítica. Um nome, de resto, desconhecido, não será, do mesmo modo, um pseudónimo ou um anónimo? E eu vou, precisamente, um anónimo, um daqueles elementos ignorados do público que a aplaude, que a admira e a critica.

Pois bem: esta carta não a escrevo por acaso mas porque tenho algumas coisas para lhe dizer. Chegou a nova época teatral e tudo nos indica que, êste ano, assistiremos a muita coisa de melhor, em parte, merecê da inteligência e boa-vontade de um empresário — o António Lopes Ribeiro. Eu não sei se todos já repararam nas ousadias dêste moço artista, porque ousadias se lhe devem chamar. Por exemplo, quando anunciou o seu elenco, tódá a gente se riu. Que disparate! Uma companhia formada de elementos dramáticos e de comédia do Parque Mayer, como António Silva, Ribeiro e o próprio Assis!

E, todavia, o tempo demonstrou que êstes três artistas que tinham feito rir, escorregando nas cascas de banana que as empresas e o público lhes atiravam, eram capazes de emveredar por uma comicidade digna da Lucília, da Lalanda, do Villaret!

Hoje, o grande grupo de actores da Trindade começa a criar homogeneidade, espírito de equipa, porque tem boa-vontade. Quem diria que Ribeiro faria com que o público acreditasse no seu «Menino Quim»?

Assis Pacheco, êsse artista de tamanhos recursos, que se achinalhou depois que deixou o Nacional, está a readaptar-se ao seu sexo. Tudo isto constitue, minha senhora, um índice dos erros em que o teatro caiu nos últimos anos, por culpa das empresas e dos artistas que, de degradação em degradação — perdêdo, isto é sentido figurado... travaglia no máximo, em troca de lobros mínimos. Tudo quanto se fez para achinalhar o teatro, querendo conquistar o público, foi fácil mas terrivelmente prejudicial aos artistas e ao teatro.

Hoje, porém, o público parece que se fatiga de ser grosseiro e de ver palhaçadas. A critica tem-se farto de

escrever contra a confusão; fazer rir, em teatro, que é uma arte séria, não é fazer esgares de circo. O artista e a arte têm que ser dignificados por outros processos mais sérios. O Nacional, durante alguns anos, e agora o Trindade, esforçaram-se por no-lo demonstrar. Por isso acreditamos que a nova época teatral vai ser marcada com uma pedra branca, como faziam os romanos quando queriam assinalar acontecimentos felizes na sua vida.

Entretanto, a Senhora, Maria Matos, há-de estar a perguntar aos seus botões: mas que tenho que ver com tudo isto, se pertenco a outra empresa e se não trabalho no Trindade ou no Nacional?

Efectivamente — e infelizmente — assim. Não faz parte de nenhuma destas companhias, logo se por acaso, se por preferir formar cabeça de companhia — critério errad, pois numa companhia de muitos actores bons, em oito meses de representação, há tempo para todos brilharem em papéis grandes e pequenos.

De qualquer modo, portanto, — ficou. Ficou e anunciou-se que na disposição de fazer êste ano coisa diferente — isto é, comédia cem por cento e farsa de igual quilate.

Ainda bem, minha senhora, que vamos deixar de a ver fazer tanta coisa inferior à sua categoria artística — categoria firmada pelo talento. Ficamos todos muito satisfeitos se a vimos no seu lugar, contribuindo como professora do Conservatório — dizem-me que o é distinta — para criar no público o bom-gosto, servindo, ao mesmo tempo, de exemplo aos seus alunos. E se puder — eu temo que não possa... — mas se puder, faça crer que uma boa companhia de comédia ligeira e popular, alternando com farsas que não sejam o aviltamento e a negação do teatro, cabe perfeitamente no nosso xadrez teatral. Temos capacidade de público para tanto! E a Senhora, a grande artista, Maria Matos, tem o dever de dar esta lição viva, êste exemplo de amor e consideração pela arte que serve e que a serve a si!

EPICURO

(Um nome simbólico que lhe há-de sugerir muita verdade).

Cabelos cheios de sol



«Lavalan-hulle», em cinco minutos apenas, transformará a sua cabeça. Os cabelos tornar-se-ão brilhantes, livres de caspa e saudáveis. Usado no banho, com cinco gramas apenas, consegue-se uma pele repleta de saúde e palpitante de beleza. Faça uma experiência. Frascos para 10800, 15800 e 25800. A venda nos bons estabelecimentos. Laboratório RUDY — Rua de Santo Ildefonso, 29 — Porto. Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F. L., Rua dos Fanqueiros, 135, 3.º D. — Telefone 43582.

A BOLSA DO LIVRO

P. DE D. JOÃO DA CAMARA, 44.º LISBOA - TEL. 2 8470

COMPRA, VENDE TROCA, EMPRESTA E LEILOA LIVROS EM TODO O PAÍS

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS, ETC.

ÚNICA ORGANIZAÇÃO NO SEU GÉNERO

Michel Simon regressou ao teatro para fazer um papel de 1.200 linhas

PARIS restabeleceu-se. Entra em convalescença, regressa ao seu estado normal. Enquanto os teatros de Berlim fecham, os de Paris reabrem. Os nomes dos grandes artistas voltam a figurar nos cartazes.

Michel Simon, segundo informa um jornal francês, representa «Le portier du Paradis», no Pigalle de Paris. É esta, portanto, a sua 56.ª e a sua 142.ª criação — 86 filmes e 56 peças!

Depois de sete anos de ausência teatral e de actividade pelos estúdios, Simon regressa no desempenho de um grande papel... de 1.200 linhas, escrito por Eugène Gerber, para Glodio, e já representado por grandes artistas húngaros, alemães, holandeses, belgas e ingleses.

Para aparecer «sem forma» — Simon foi «boxeur», foi mesmo professor, e foi discípulo de Simeth, campeão da Europa — treinou-se com Emmanuel Laffon, durante duas horas, todos os dias, pela manhã. Depois do «box», o «douche» e as massagens. Depois disto tudo — a bicicleta, porque os parisienses, com a ocupação, habituaram-se ao «velo»...

Numa entrevista concedida, no dia da estreia, Simon disse:

« — Dentro de algumas horas vamos afrontar o público. A nossa profissão é um eterno recomeçar, porque o teatro é uma espécie de millagre permanente. Já reparou que, tódás as noites, o número de espectadores é sensivelmente o mesmo? Não acha engraçado? Sim, porque não vêm cem mil parisienses numa noite e na seguinte só cinco?»

Michel Simon, que vimos recentemente em Lisboa, na «Tôscas» — ao lado de Império Argentina — aparece aqui numa das suas curiosas expressões.

O seu a seu dono...

AQUI há tempos, vieram pararr-nos às mãos alguns suplementos da Illustration — essa Petite Illustration que tanto contribuiu para a universalização do teatro francês, quer na Europa, quer no mundo, a preços módicos — o ano passado, ainda podia comprar-se um Bernstein ou um Deval por quinze tostões! — os maiores êxitos de Paris. É certo que, quasi sempre, êsse teatro nos chegou atrazado — estávamos a representar, já antes da guerra, peças sem actualidade. Em todo o caso, se não fosse a Petite Illustration, não seria possível a difusão de tanta coisa boa.

Pois bem: foi o folhear de algumas dessas peças que nos trouxe a ideia dêste reparo. Em França, onde ninguém precisa de se governar com as habilidades alheias, porque quem não quer ser lóbo não lhe veste a pele — as traduções aparecem assinadas pelo verdadeiro autor da tradução, vindo a seguir o nome do adaptador, tão respeitável na sua função como o tradutor.

Isto dá, assim, da parte da critica e do público, um certo ar de seriedade indispensável, pois lá sabe-se que determinados autores não conhecem — húngaro, por exemplo — idioma em que as peças foram escritas, para que possam aparecer como seus tradutores.

Assim — e quem diz o húngaro diz o inglês, também por exemplo — cada um pode exhibir os lobros respectivos, sem incorrer no riso malicioso dos críticos, encartados ou não. Cada um como cada qual. Mas, principalmente: o seu a seu dono, não é verdade!



Obras de

MARY LOVE

ACABA DE SAIR

Já era assim
há 100 anos

Outro romance
destinado a grande
êxito

JÁ PUBLICADOS. À VENDA

A idade de amar
Anie a preceptora
O segredo de Carla
Serás rainha
Minha mulher é um
homem

Quem mora naquele
moinho

O meu noivo tem um tio
Olhos de porcelana

Uma mulher nasceu

O Sr. Dr. acusa

A mulher comprada

O teu marido sou eu

Quando o passado voltou
Eu sou a mãe

Casei com uma actriz
Entrou-me um coração
pela janela

Sou uma mulher vulgar
O mundo somos nós dois

Achei o meu coração

Troquei a minha mulher
Venho dos braços da vida

Se eu fôsse a luz dos
teus olhos

A mulher de meu pai

Sou um seu criado

Divórcio

Rapsódia

Eternamente

Canto da primavera

Cada vol. br. 10\$00
Enc. 20\$00

*

Em tôdas as livrarias
Pedidos à Livraria Editora
Guimarães & C.ª
R. da Misericórdia, 68

Cesar dos Santos



O JAPÃO
A História, sua literatura e sua cultura

Pedidos directos:
VIDA MUNDIAL EDITORA.
Rua da Emenda, 69, 2.º Lisboa

Olavo de Eça Leal

(Continuação da pág. 13)

Dar-lhe dinheiro. Alimentar, interminavelmente, o seu apetite insaciável. Dinheiro! Muito dinheiro! um dinheiro, que não temos, em suficiente quantidade, para gastar muito na Rádio...

5.ª pergunta: ¿Quais os valores individuais que distinguem nas funções: 1) locução, 2) canto, 3) literatura radiofónica, 4) produção de programas?

Resposta: Como podes calcular, a resposta anterior também serve para esta pergunta. Os nossos valores individuais não podem ser medidos pelas bitolas em vigor. A falta de dinheiro coloca-nos em frente dum reduzido número de pessoas que, a tróço de reduzidas quantias, falam, cantam, escrevem e produzem. Aponar valores individuais na Rádio portuguesa é pouco lisonjeiro... equivale, de certo modo, a apontar algumas personalidades que, bem ou mal, precisam de ganhar a vida com a Rádio e que nem sequer dão à Rádio tudo quanto lhe poderiam dar se lhes fôsse possível pôr ao seu serviço toda a actividade, inteligência e qualidades naturais, que são forçadas a distribuir por outros officios... Etc.. (Não me puxes pela língua...)

6.ª pergunta: ¿Da vida de locutor que benefícios supões ter alcançado?

Resposta: Experiência, auto-disciplina e auto-publicidade. Devo também à Rádio um beneficio inestimável: Era gago, desde criança. Conseguí não gaguejar, no dia em que fiz concurso e fui aprovado. A necessidade de manter o lugar... e depois a validade de manter o pequeno prestigio obtido, curaram-me definitivamente.

7.ª pergunta: ¿Da tua actividade radiofónica, quais os factos que, por quaisquer razões, gostarías de assinalar?

Resposta: Apenas um. Se eu reunisse em livros, a produção literária resultante da minha actividade de autor radiofónico, obtinha, por cálculo modesto, uma colecção de dez volumes de duzentas e cinquenta páginas cada um...

8.ª pergunta: ¿Qual o papel ideal da Radiodifusão portuguesa do após-guerra?

Resposta: ¿O papel ideal? O papel-moeda.

Um abraço do

a) OLAVO DE EÇA LEAL

F. C. R.

VINHOS VELHOS DO PORTO



Niepoort

O hóspede do quarto n.º 13

(Continuação da pág. 8)

foram sempre o seu «villon d'Ingres».

O ano passado, Mendez-Leite concorreu ao prêmio do simpatia de Espectáculo, enviado para lá um guão, «sangre Azua», cuja acção se passava no Estoril. E entre quatrocentos apresentados, obteve um prêmio entre os vinte primeiros.

Quando Duarte esteve em Madrid encontrou-se com Mendez-Leite. Falaram nos seus mútuos projectos. O realizador de «O Costa do Castelo» leu o argumento. Gostou. Veio para o nosso País e trabalhou-o. João Bastos escreveu os diálogos. E Mendez-Leite acabou por se deslocar a Portugal, para uma última troca de impressões. A estas horas, o guião definitivo, por sua mão, encontra-se já em poder da Comissão de Censura. E tudo indica, se nada surgir em contrário, que em Novembro comecem as filmagens, talvez em Barcelona, possivelmente em Madrid. Tudo isto nos contou Mendez-Leite, restituído ao Chiado por alguns dias.

— Estou muito satisfeito — declarou. Penso que Artur Duarte vai fazer um belo filme, de ambiente que a Espanha vem reclamando, com luxuosos cenários, e a linha amável e discreta das comédias americanas, elegantes sem ser pretenciosas, distintas sem serem preciosas. De resto, o Estoril presta-se pelas suas belezas naturais — e tem um nome mundial.

— Como se estabelecerá no filme a colaboração anunciada?

— Penso que Artur Duarte estaria indicado para responder à pergunta. Limito-me, pela minha parte, a ser o autor do argumento. No entanto, julgo poder afirmar que a realização «estar» exclusivamente a cargo do Duarte, que fez a planificação e o guião técnico. João Bastos escreveu os diálogos. E os intérpretes portugueses serão, pelo menos, quatro, em grandes papéis, entre os quais Teresa Casal. Do lado espanhol, haverá dois actores em figuras de relêvo. Penso que vamos ter excelentes colaboradores nos outros «rayons» da produção — e possivelmente Kelber, como fotógrafo.

— O «Hóspede do quarto n.º 13» vai ser um facto?

— Assim o creio. E preparo-me, pela minha parte, com o maior entusiasmo, para entrar com o pé direito nestas combinações luso-espanholas. E com estas palavras — Fernando Mendez-Leite — o autor da «História sintética do Cinema» e do magnífico estudo que é «O Cinema Norte-Americano» — despediu-se do jornalista — e seguiu o seu destino.

Quanto a nós, queremos ainda acrescentar que, ao contrário do que foi noticiado, Maria Eugénia não deverá entrar nesta película — e o papel, que primitivamente lhe estava destinado, deverá ser entregue àquela que foi a sua mais directa rival, quando Maria Eugénia conquistou o ambicionado papel em «A Menina da Rádio».

Os lustres para as decorações do bom gosto



Appliques, castiçais e candeeiros de mesa

J. R. de Brito

FABRICANTE

Rua Luiza Todi, 2
(à Rua de D. Pedro V)

Telef. 2 0497 LISBOA

OS LIVROS DO MOMENTO



Editorial Aviz apresenta: «O Vaso de Ouro», uma obra clássica no género do conto fantástico que se lê de um fôlego e cuja imagens irreais têm tal poder de sugestão que persistem no espirito muito tempo depois de terminada a leitura.



Uma linda edição das melhores poesias de Ribeiro Couto, um dos maiores poetas brasileiros contemporâneos. Apresentação esmerada da Portugália Editora.



Uma das verdadeiras obras-primas da nossa época. Uma das três ou quatro maiores obras da literatura francesa do século XX. Um romance que vários editores disputaram. Um livro que foi coroado com vários prêmios.

OS NOSSOS MODELOS

O verão deixou-nos já, embora o sol ainda aqueça de vez em quando. O outono chegou. É necessário, portanto, leitoras, ficar alerta, não venha o frio visitar-nos inesperadamente!

Eis alguns modelos que vos podem servir:



Vestido de linho-estarda, elegante e prático.



Vestido sãe-blusa com casaco igual. Dois botões grandes na blusa e um terceiro apanhando a saia, são os únicos ornamentos desta «toilette» de outono.

Saiu da cidade?

QUANDO fugimos do bulício da grande cidade e nos refugiamos num cantinho entre pinheiros e sobeiros, entre vinhas e regatos, temos, às vezes, a insensata idéia de que com o bulício deixámos também o conforto. Que mal pensado!... O conforto estará sempre onde nós quisermos. Maior ou menor, mais ou menos vincado, mas estará presente sempre que o desejemos. Quanto conforto às vezes numa simples fotografia posta à cabeceira da cama, ou na cadeira cômoda onde nos habituámos a sentar!...

Mas não tratemos agora apenas de conforto. Falemos também num pouco de estética. Isto, é claro, excluindo casas já mobiliadas ou hotéis.

Pode-se, ou não, numa simples casinha de campo, conseguir uma casa moderna, agradável e econômica? Sem dúvida alguma que se pode. Em geral, cada mulher, deve emprestar à sua casa um pouco de si própria. Ninguém melhor do que nós sabe aquilo que nos agrada.

Contudo, para as leitoras que desejem uma idéia, aqui val uma sugestão para casa de jantar:

Com madeira de cedro, ou outra mais barata aplainada e encerada, construir-se-ão a mesa e cadeiras — «puffs» que poderemos estofar com chita ou de preferência cretone de cores alegres. Do mesmo tecido podem ser as cortinas.

Junto à parede mais comprida, poder-se-á colocar um «bufete» na mesma madeira, que poderá servir também de guarda-loja e faquelro. Sobre ele, entelando-o, apenas um vaso de cerâmica sempre cheio de flores campestres, alguns «naperons» com bordados vistosos e uma bandeja com chávenas, dispostas com elegância.

Nas paredes de um tom creme, pequenas cantoneiras e prateleiras laqueadas nêse mesmo tom. Nelas, serão dispostos «bibelots» e as recordações que trazemos da cidade. Alguns quadros de natureza morta e cenas campestres, poderão emprestar ao ambiente um pouco mais de arranjo.

Ao meio da casa apenas uma estufa colorida. E sobre a mesa, um vistoso «naperon» em linho, sob uma fruteira repleta de gostosos frutos.

Dêste modo, caras leitoras, creio poder afirmar que numa casinha assim já poderemos sentir um pouco da alma do nosso lar!...

PÃESINHOS DOCESES

Levedura de cerveja, 35 grs.; turinha, 500 grs.; manteiga, 175 grs.; ovos, 4; açúcar, 3 colheres de sopa; raladura de um limão; sal, q. b.

Depois de bem desfeita a levedura de cerveja, junta-se pouco a pouco, batendo rapidamente com uma colher de madeira, a farinha, manteiga, os ovos inteiros, raladura de limão, sal e açúcar. Continua-se batendo até que a massa se desprenda do recipiente. Então coloca-se a massa sobre uma tábuca enfarinhada e cortam-se pedacinhos pequenos formando com êta «bolitos» e colocando-os em tabuleiros untados de manteiga e polvilhados com farinha. Af deixam-se um tempo a descansar para que aumentem de volume. Quando já estiverem na condição necessária, pintam-se com ovo batido, polvilham-se com açúcar e levam-se ao forno a temperatura regular. Depois prepara-se um creme, faz-se-lhes um orifício pequeno e por meio duma espécie de baquinha, rechelam-se com esse creme. Tapa-se o orifício, torna-se a polvilhar de açúcar e e-l-os prontos a serem servidos.



PAGINA FEMININA



Assim nasceu um romance

Foi ali, naquela serra que domina os campos do Jordão, naquêl cenário forte, naquêl mudozinho palpitante de vida, que Dinah Silveira de Queiroz bebeu o entusiasmo, a inspiração e a vontade de escrever o seu primeiro trabalho tão discutido pela crítica: «Floradas da Serras».

No entanto, quando ela all esteve, tão contemplativa, tão emocionada pela grandeza de tanta simplicidade, Dinah ainda não escrevia. Na sua mente, porém, a impressão dêsse cenário para ela inesquecível, foise avolumando, avolumando de tal maneira que mesmo passados alguns anos ela ainda os revia de olhos fechados. Lá estava a serra, subindo, num tom de terra carregado! Lá estava o velho cemitério, tão alegre, tão simples, que nem metia mêdo! Lá estava o sanatório, cheio de janelas convidando aquêl ar tão leve e tão puro a entrar cheio de vida para a emprestar aos pobres que a reclamavam ansiosos, num desejo frenético de viver! Lá estavam as casinhas pequenas — mundos dentro doutro mundo — com as suas alegrias e as suas tristezas! Lá estava o velho cão ladrando furioso à noite! Lá estava a cascata, a maravilhosa cascata!

E Dinah Silveira de Queiroz, na sua fazenda de S. José do Rio Pardo, olhos semi-cerrados, pensamento ao largo, saltitante a procurar recordações, pegou em papel e tinta e começou escrevendo. Era uma novela que pretendia fazer. Uma novela onde marcasse aquêl cenário que azeas de longe a não abandonava. Mas, uma vez mais as personagens e principalmente o ambiente, impuseram-se de tal forma à autora que esta se viu obrigada a transformar a novela num romance.

E foi assim que «Floradas da Serras» nasceu. A crítica acolheu-o com interesse. Nasceram polémicas e dois médicos chegaram mesmo a baterem-se por causa da tuberculose de alguns personagens. Foi a maior publicidade. «Floradas da Serras» vingou num êxito perfeito. E o talento desta escritora, natural de S. Paulo, não ficou, nem ficará por aqui!

MARIALIA

RESPONDENDO ÀS LEITORAS

GLAMOUR GIRL — Estoril! — Compreendo perfeitamente o seu desejo de não querer casar de fato comprido e véu. Todavia — e segundo o seu próprio gosto — seria interessante escolher um vestido de «toilettes» embora curto e num tom que esteja de harmonia com a cor castanha do fato do seu noivo. Para isso, há ainda que atender ao tom da sua pele: se é branca, talvez lhe fique mal um tom de tejló. Contudo, um verde bonito; se é morena, e não aprecia esta cor, é possível que não fique fal um tom de tejló. Contudo, há ainda a notar que as cores da moda para o próximo inverno, embora venham a caminho, ainda não chegaram. Que nos trará a moda? Quais as suas preferências? Apesar de já não estar longe o fim dêsse ano, aconselho-a a esperar um pouquinho mais pelo que a América nos poderá indicar para este inverno.

Quanto ao chapéu, forçosamente deve ser escolhido de harmonia com o vestido aprovado. Falta agora tratarmos do seu último pedido: Francamente, francamente, não

sei o que de melhor lhe aconselhe. Contudo, o que me parece mais razoável é um bom «scoutini» feito de encomenda numa boa casa e destinado — sem a prejudicar — a deminuir-lhe um pouco o busto demasiadamente grande.

CLARICE SANTOS — A pasta que diz usar, não me merece grande confiança. No seu caso escolheria, por exemplo: Medicinal Couto, Alceste ou ainda Sanozil. Quanto às manchas dos dentes, experimente friccioná-los com limão e pó de carvão, todos os dias antes de os lavar. Para essas manchas escuras existem muitas receitas, mas receio que o esmalte dos seus dentes não fique em segurança!... Todavia, se com o que lhe indico não obtiver resultado satisfatório, posso enviar-lhe algumas das receitas usadas para êsse fim.

RAPARIGA ALENTEJANA — Af vai entre os nossos modelos, um que deve servir-lhe para a sua fazenda verde. É um vestido que dirá bem numa figura como diz ser a sua e que — salvo erro — deve ser como o figurino.

Quanto ao tom do verniz que deve usar, aconselho-a a procurar o mais ligeiro possível ao tom do «rouges» e do «baton».

M.



A beleza da linha consegue-se usando os produtos NOSEL

Água de Colónia
Seda líquida
Pó de arroz
Creme dental
Báton

HUMORISMO Alguns ditos de espírito

Ventura caçador... (História muda)



Coisas do mercado negro

OS cigarros estão reacionados. Não se encontra um e os homens do mercado negro são procurados pela polícia. Um dia, na "gare" de S. Lázaro, um inspector aproxima-se de um sujeito bem vestido que leva uma malinha de mão.

— Faça favor de abrir, em nome da polícia!

— Mas, que quere o sr. encontrar? Aqui vai apenas aveia para o meu cavalo!

— Abra!
Depois de um momento de discussão, o senhor abre a mala que, realmente, leva um pacote de aveia... mas cheio de tabaco.

O inspector pergunta em ar de triunfo:

— Então, esta é que é aveia para o seu cavalo?

— Que remédio tem êle; se não gostar desta, não tem de outra...

Vencido por este argumento, o inspector só podia enfurecer-se, como se os seus cigarros tivessem, realmente, as propriedades da aveia para o cavalo...

Surpresas do serviço activo...

A introdução do serviço auxiliar feminino no exército, reveste-se de algumas situações cómicas, no meio masculino. Por exemplo: ainda não se encontraram designações próprias para essas funcionárias. Se é preciso falar de uma cabo e de seus homens — falar de uma *caba* e de suas mulheres tem o seu pitoresco. Até hoje, porém, têm-se empregado os mesmos termos masculinos. Mas, assim, quando hoje um tenente manda:

— Cabo, traga-me três dos seus homens! — vemo-lo avançar com três bonitas raparigas...

Aqui há tempos, alguém ouviu, na frente italiana, um oficial superior perguntar a uma linda rapariga que comandava uma coluna mixta de transportes da Cruz Vermelha:

— Então, «sargento», os seus homens já estão deitados?

O tempora, ó mores!

BONS COMEÇOS



Mais tarde, há-de ser um bom censor...

NOVEL CAÇADOR



— De acôrdo com o que aprendi pelo Manual do Perfeito Caçador, devia suceder precisamente o contrário...

A ÚLTIMA PALAVRA



— Papá, já resolvi todo o problema de palavras cruzadas mas falta-me a última palavra...

— Então, filho, vai ter com a tua mãe, que é sempre dela a última palavra...

NA ESTAÇÃO



— Então, para onde é a ida?

— Não sei. Estou com medo de que acabem as férias antes de arranjar bilhete...

NOIVOS DE HOJE



— Tens visto o Carlos ultimamente?

— Sim. Vi-o há questão de mês e meio.

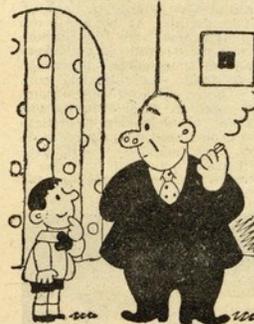
— Quando voltares a vê-lo lembra-lhe que estamos noivos...

PRODUTOS DE SUBSTITUIÇÃO



— Despertadores, não houve maneira de encontrar. Mas trouxe êste. Venderam-mo com tôda a garantia de funcionar bem...

LÓGICA INFANTIL



— Por que me olhas com essa cara de espanto?

— É que o papá diz que é um homem feito por si próprio.

— Mas que tem isso para que estejas a olhar-me dessa maneira?

— É que não compreendo porque o papá se fêz tão feio.



— Porque quere ir para a cela 77?
— Sou um sentimental. Meu pai ocupou-a durante 25 anos...

BATALHA CONTRA A FOME



Os que os homens têm feito para obrigar a terra a dar mais e para a laborar com a maior rapidez e economia de esforços, é simplesmente prodigioso! Vemos aqui um semeador de batatas a seis filas, puxado a tractor; é uma cena de campo na Alemanha. Em todos os grandes países as cenas são idênticas; a guerra apressou de modo extraordinário a mecanização da agricultura. A máquina que a foto representa substitue dezenas de homens, mas numa boa organização social não significa o horroroso desemprego de dezenas de seres. Mais do que nunca o pós-guerra vai trazer à luz do dia o problema do desemprego tecnológico, que é, de resto, apenas um aspecto do fenómeno «desemprego».

Sabe amamentar o seu filho?

Desde os primeiros tempos da amamentação, os seios devem merecer cuidados meticolosos. Ainda que nada apresentem de anormal, convém que sejam lavados antes e depois da amamentação, com algodão esterilizado e embebido em água fervida. O mesmo se deve fazer aos biberões da criança.

Os seios volumosos devem ser sempre amparados, mas sem compressão. E se por acaso se inflamarem requerem intervenção médica urgente para, sendo possível, evitar a formação de abscessos.

A alimentação da mulher que amamenta não deve ser má, nem demasiado abundante, e sim apenas variada e formada principalmente por substâncias bastante nutritivas e de fácil digestão.

Como as glândulas mamárias, tal como sucede a outras glândulas do organismo, são eliminadoras de certas substâncias, é preciso evitar os alimentos que passam pelo leite e são nocivos, nomeadamente o álcool, causador de graves doenças nervosas nos lactentes (não confundir com lactantes, que amamentam). Impõe-se, além da abstenção de bebidas alcoólicas, evitar o uso de todos os excitantes, como o café e o chá. O alho, a cebola, a cenoura, o aniz, etc., podem transmitir ao leite os seus princípios aromáticos, e torná-lo repulso para o amamentado.

Há ainda medicamentos eliminados pelo leite: antipirina, ópio, cânfora, beladona, arsénico, mercúrio, iodo, etc. Isto que pode ser altamente prejudicial para a criança, pode também ser empregado quando o médico queira utilizar as glândulas mamárias como via de administração medicamentosa.

Não é aconselhável o abuso de carnes, nem de alimentos muito açucarados, e é conveniente a exclusão ou a restrição de condimentos e produtos fermentados.

As doenças agudas e breves obrigam à redução ou suspensão temporária da lactação, mas em certos casos, especificados por um médico, é conveniente tornar a suspensão definitiva.

A mulher que amamenta devia levar uma vida calma, mas não inactiva; vida ao ar livre e sonos tranquilos.

UM NOVO REMÉDIO

Foi anunciado ultimamente, pelo professor Warrington Yorke, da Escola para Medicina Tropical, de Liverpool, a descoberta de um novo e importante remédio sintético. O professor Yorke descobriu que a febre Kala Azar pode ser curada por meio dum composto de diamidinas sintéticas. O nome científico da nova droga é 4.4 — diamidino-stilbene.

Antes da descoberta do professor Yorke não existia cura para a Kala Azar de origem sudanesa, porque esta variedade africana não respondia ao tratamento com antimónio, que é de efeitos seguros sobre a Kala-Azar indiana.

O Kala-Azar ou Calazar é uma doença largamente espalhada no nosso país e afecta principalmente as crianças. Trata-se duma afecção que lesa profundamente o organismo, como o demonstra o estado de anemia e a diminuição de glóbulos brancos que ocasiona.

Supõe-se que é o cão o reservatório natural do seu agente, a *heishmania infantum*. A sua disseminação, conquanto não esteja ainda bem esclarecida, supõe-se que é da responsabilidade dos *Plebotomus*, pequenos dípteros de tamanho inferior ao dum mosquito. Em Lisboa o Calazar reina endêmicamente.

PREGUNTE!

A pedido de vários leitores iniciase, no próximo número, uma nova secção intitulada: «Pergunte!», onde se procurará responder a todas as perguntas de ciência que estejam de acordo com o carácter desta página. Portanto, já sabe. Escreva para «Vida Mundial Ilustrada», página de Ciência Elementar, Rua da Emenda, 69, 2.º. «Pergunte!», tentará resolver as suas dúvidas.

O Tabaco—ou o triunfo da inutilidade

O tabaco é um exemplo interessante de como um produto inútil e até prejudicial pode alcançar uma importância económica muito superior a outros artigos de reconhecida utilidade.

Gastam-se, anualmente, muitos milhões de contos em tabaco, em todo o mundo, milhões de trabalhadores e trabalhadoras vivem directa ou indirectamente do fumo e milhões de hectares de óptimos terrenos são ocupados pela preciosa e inútil planta do tabaco.

Nenhum outro produto colonial se difundiu na Europa com tanta rapidez, conquistando tantos adeptos. Em 1559, Gonzalo Hernandez, de Toledo, trouxe para Espanha as primeiras plantas de tabaco, de que já havia notícias graças aos missionários que haviam acompanhado Cristóvão Colombo na sua segunda viagem.

A nova planta foi recebida na Europa com todo o género de considerações e teve largas aplicações na medicina. Juan Nicot, embaixador da França em Lisboa, ofereceu à rainha Maria de Médicis sementes de tabaco, tendo em vista as suas propriedades curativas. E foi assim que o tabaco se introduziu nos mais elevados círculos sociais. A sua grande fama medicinal, hoje negada em absoluto, valeu-lhe o nome de «erva panacea», isto é, que tudo cura, e de «erva santa».

Foi o inglês Walter Raleigh e não Nicot quem prestou ao tabaco os maiores serviços, tanto em palavras como em actos. Raleigh foi o que Nicot nunca pensou ser: um fumador. Quando a expedição inglesa de 1584, que fôra enviada à América do Norte, regressou, os seus componentes, provocaram viva curiosidade por trazerem, entre os dentes, um objecto totalmente exótico, sempre a vomitar colunas de fumo. Raleigh obteve um desses cachimbos e converteu-se, entre a sociedade cortesã, num propagandista acérrimo do fumo.

O cachimbo penetrou depressa na Holanda, na França, na Espanha. E as sementes do tabaco foram lançadas em terras do Oriente: Java, Índia, Pérsia.

O uso do tabaco sob a forma de rapé, generalizou-se nos tempos de Luiz XIV, e não só entre os homens como entre as próprias senhoras. Um madrigal desse tempo fala de uma beladade que, ao aspirar o seu rapé, deixou cair uns grãos no decote. O poeta suspirou: «Ai quem fôra esse tabaco!».

Em Itália, o costume de cheirar rapé atingiu o delírio, a ponto do Papa Urbano VIII promulgar uma Bula excomungando quem tomasse rapé nas Igrejas. A Bula manteve-se em rigor durante um século, até ser anulada por Benedito XIII, grande aficionado do rapé.

Desde os primeiros tempos, os maiores devotos do tabaco foram os marinheiros e os soldados. Espalharam o uso do tabaco em todas as nações, de tal modo que esta planta se tornou um valor e uma força económica, dando origem a uma política tabagista.

A princípio, o tabaco havia conquistado as suas posições sob a bandeira da Medicina. Não obstante, foi, depois, combatido tanto no campo de Medicina como no da Moral. O tabaco passou a ser um companheiro inseparável da heresia, do vinho, do livre pensamento. Os professores da Universidade de Lyon asseguravam aos seus alunos que se continuassem fumando, carbonizariam o cérebro. Na Rússia, o clero ortodoxo supunha que os fumadores da «erva do diabo» respiravam o mesmo fumo com que, no inferno, os pecadores seriam atormentados.

Mas tanto no Oriente como no Ocidente, nenhuma pregação, nenhuma proibição, mesmo que ela chegasse à pena de morte, como a imposta pelo sultão Murad IV, no século XVII, conseguiu evitar a propagação do tabaco.

O cachimbo teve, como se disse, o início de todas as preferências. Só a partir do século XVIII começou a difundir-se o charuto. Na Alemanha, o charuto foi fabricado pela primeira vez em 1788 e, na Inglaterra, em 1840. A primeira fábrica de mortilhas fundouse em Dresden, em 1862. Mas durante muito tempo o consumo de cigarros foi insignificante. Apenas depois da Grande Guerra de 1914-18, o cigarro venceu por completo, quasi eliminando o charuto.

E aqui temos o romance de um produto que, como sucede a todos os produtos caídos dentro da órbita dos interesses dos homens, têm a sua influência na vida social e económica da Humanidade.

NOSSOS FILHOS

Raça, é preciso trabalhar muito e a sério para vigiar devidamente o crescimento dos novos seres. Os cuidados com a criança têm de começar por ser cuidados pré-natais, tratando da mãe; depois são necessários cuidados com a alimentação dos bebés, dentro da mais rigorosa e racional higiene. A foto mostra um recanto dum centro provincial americano, onde se faz a pesquisa da possível carência em vitaminas. Os pediatras hão-de ter, no futuro, um lugar de relevo.

Quando o amor pelas crianças, pelas novas gerações, vai muito além da retórica enganadora dos pseudo-amigos da



“Fonte distante”

por *Oliva Guerra*

“A mulher do mau olhar”

por *Gomes Monteiro*

“Terras de maravilha”

por *Oldemiro César*

“Como nasce um romance”

por *Lídia Serras Pereira*

ANTES de «Fonte Distante» que apresentou agora, em estilo poético antiquado e indeciso, Oliva Guerra publicará três livros de versos em que se exprime um lirismo sincero e frêmente. Das inovações da poesia moderna aproveitou a autora muito pouco e todo o seu livro se desenrola em sucessão de ritmos e motivos poéticos que parecem um tanto envelhecidos para a sensibilidade do nosso tempo. Fôsem eles, no entanto, de superior qualite e ainda a cultura estética poderia encontrar nêles factores originaes de beleza e suggestão recôndita. Algumas vezes se encontram neste livro de versos pequenos traços de expressão lírica, mais ou menos confessional e simples, que de longe sugerem a emoção da poesia. Duas razões, no entanto, diminuem o seu valor ante a criação literária nova, que parece transportada pela força ascendente de descobertas insuspetadas na fantasia interior ou na relação do homem com os dramas do seu tempo. A primeira, é a falta de expressão intensa nos sentimentos ou nas circunstâncias psicológicas que os versos exprimem. São pequenas, pequenas melancolias e desejos, pequenas inquietações que aí se representam na superfície das palavras. O movimento lírico da alma passa pela vida como aragem ligeira que mal encrespa a água; e se tem beleza delicada e enternecida, falta-lhe o largo ímpeto que revolve e avulta dando à poesia de hoje uma intensidade menos recolhida, força de consciência que no sentimental procura apenas uma voz mais humana.

Oliva Guerra cultiva o encanto das brandas emoções — trazer um

sonho e palpitante latente, como quem traz no côncavo da mão a gota de água sã que o dessedente». Essa arte de minorar o sensível possui-a esta poetisa com marcado gosto e finura. Mas encontra-se na leitura de obra assim concebida uma sensação irremediável de impressão desfeita que dificilmente concorda com a índole da nossa compreensão poética.

Por outro lado — e é isso mais grave para uma escritora experimentada — nota-se em «Fonte Distante» uma falta de unidade de estilo que surpreende. Da cadência dos seus sonetos para certos poemas sem métrica rigorosa ou outros em que experimenta o ritmo da quadra popular, destaca-se uma diversidade de expressão que parece representar autorias diferentes. Uniformes no estilo da sensibilidade, são muito diversos em outros aspectos, muitas vezes difíceis de definir, que marcam a personalidade indelével de um artista.

«Fonte Distante» conserva, no entanto, motivos de interesse para grande parte do nosso público literário — e sucede com certos livros que é necessário lê-lo, a despeito de qualquer observação crítica.

Gomes Monteiro tentou em «A mulher do mau olhar» o romance de vagas reminiscências camilianas, actualizado pela forma moderna da crônica do crime. Foi à realidade, se não estou em erro, buscar um episódio de tragédia popular muito comum e deu-lhe a contextura da narrativa de ficção. Imaginou personagens, deu-lhes vida interior resstrita, sem se demorar na lógica dos

sentimentos e do seu choque com as circunstâncias; envolveu a teia dos episódios no sentido centralizador de uma tradição de «família marcada pela desgraça». A facilidade jornalística deu a este empreendimento mais ou menos literário de Gomes Monteiro a rapidez de articulação dos acontecimentos que nem sempre é muito favorável ao escritor; e assim nasceu este romance de crime passionai, sem nenhuma altitude de análise psicológica nem visível esforço de expressão dos dramas sociais em que os personagens são lançados melhor ou pior — romance demasiado folhetinesco e áspero na expressão que não pode tomar-se como o mais apreciável de que o autor é capaz.

Não foi sobre os acasos da impressão de leitura que se atribuiu certa índole camiliana a este romance de Gomes Monteiro. É sobretudo o estilo que em muitas páginas faz lembrar o autor da «Brasileira de Prazinas», na modesta proporção em que pode pretender alcançar o escritor sério; e ainda o recorte de certas «situações», em que o dramatismo é forçado pela violência dos gestos descritos, sem que a acompanhamento justamente — o artifício necessário da expressão romântica na «prosa menos eloquente e menos confessional dos nossos dias».

«A mulher do mau olhar» é um livro popular, de fácil interesse para as sensibilidades comuns, mas Gomes Monteiro podia ter aproveitado muito melhor — mesmo na índole popular e simples do romance — o tema da fatalidade transmitida hereditariamente, em que o nosso povo acredita. Como reportagem-romanceada, no entanto, não se pode negar-lhe fluência, emoção e até verdade — a forma especial de verdade que pode obter-se a esse género muito inferior de literatura.

A segunda edição de «Terras de Maravilha», em que Oldemiro César reúne as impressões, notas de estudo e observações de repórter de certas viagens aos Açores e Madeira, vem consideravelmente modificada em relação ao original. O autor suprimiu com razão muitas páginas com a índole de relatório ou de informação; mas acrescentou-lhes outras que não são mais felizes sob o aspecto literário e um prefácio em que dificilmente se liberta da banalidade típica do nosso jornalismo. O autor enfia depois pela sua viagem e vai acumulando as suas observações pessoais do que lhe passa diante dos olhos ou junto dos ouvidos; e diz-se voluntariamente «enfiar» porque não é um itinerário de inteligência e estética o que se desenrola nas duzentas páginas do livro mas uma série de quadros exteriores que Oldemiro César vai compondo ao sabor da marcha dos navios e das pessoas que o acolhem, enfeitando a narrativa com os enarizes de «cêra» tradicionais no nosso péssimo jornalismo. O seu intuito não foi apenas de informar — e aí reside o grande mal deste livro defetuoso, redundante, pleonástico, em que sobra a retórica onde era fácil haver bom-gosto e falta a impressão pitoresca e singela onde não custava nada descobrir as originalidades da paisagem e do meio social. Oldemiro César quis fazer literatura, e desde o capitulo que florescem o título e uma hortênsia terceirense, até as últimas páginas em que uma entrevista se notabiliza pelos arrebitos cómicos da composição. E no entanto este velho jornalista, homem curioso e um tanto rude de sua natureza, possui vivacidade notável,

qualidades de improvisação e argúcia no julgamento dos homens e das coisas. Com as suas qualidades podia ter realizado obra de bom jornalista — e nunca fêz senão caricaturas de jornalismo, até neste livro que, por ser livro, podia desligá-lo do tremendo «bluff».

Como reportagem, talvez estivesse «Terras de Maravilhas» bem enquadrado na índole dos nossos jornais de grande informação. Como obra definitiva, tem o lamentável aspecto de um fracasso em toda a linha. Por ele se poderia fazer o processo — ou diagnóstico — da função jornalística neste país em que o Conselheiro Acácio dá fraternalmente o braço a Palma Cavalão e ambos jornadeiam com fiel persistência desde o artigo de fundo à página dos anúncios. O «facho do progresso» torna estes espíritos inocentes, amolda-os ao seu estilo único o muito português, que vem da imprensa parlamentar do século XIX, e faz das vocações mais sérias um triste arremedo de tartufismo em prosa.

«Como nasce um romance», original de Lídia Correia Serras Pereira, é outra representação típica do nosso meio, em que se fazem vocações «literárias» não se sabe por que artes excêntricas. Nada justifica a publicação deste livro: a autora não tem, verdadeiramente, nada a dizer; o pseudo-romance que aqui tecou não tem, nenhum destino, visto não representar um ângulo original de visão da vida, nem construiu personagens a que se possa, literariamente, chamar tal coisa, nem expôr um drama ou comédia humana que valha a pena apresentar a outrem. Em centenas de vezes alinhnam-se os lugares-comuns as banalidades de bom-tom na conversa mundana, os incidentes e circunstâncias mais vulgares, conversas sem sentido e até versos que se integram melhor ou pior neste desenrolar de prosa que nem as qualidades do folhetim possui. Seria inútil, naturalmente, tentar dar publicidade ao que não constituiria um símbolo de tanta gente que escreve em Portugal, não porque possui qualquer consciência de revelação literária, mas pelo vício generalizado do «snobismo» impresso. Chega a parecer que uma espécie de pitoresco nativo da nossa língua determina estas estranhas fantasias de dar publicidade ao que efectivamente não interessa a ninguém, exceptuando quem publica. Nem outra razão pode encontrar-se, fora da própria personalidade dos autores para tão longas páginas escritas uniformemente neste estilo:

«Margarida olhava com os seus olhos de artista a grandiosidade do espectáculo lúcido presenciado com tal violência e de tanto perigo iminente; pois assim mesmo, a revolta dos elementos furibundos atemorizavam-na infinitamente menos do que a tempestade das íntimas paixões desencadeadas numa alma perversa, fechada aos mais rudimentares sentimentos humanos. E assim nasce um romance, realmente, num desfiar de vulgaridades em prosa clara e compreensível, mas tão vazias de representação literária que não se compreende porque não ficaram, de facto, reservadas à apreciação inofensiva da amizade. É tempo de se reconhecer, não definitivamente, que a missão de escrever para público tem finalidades que vão além da simples satisfação pessoal e do gosto deplorável de forjar prosa sem qualquer fim literário ou humano.

ALVARO SALEMA

O centenário do nascimento de Verlaine

Em 1866, concluído o seu curso do Liceu Bonaparte iniciou Verlaine esse vício de boémia incrível. As suas amizades vão passando na vida rapidamente gasta: Coppée, Villiers de l'Isle Adam, Rimbaud.

Com este último foge o poeta estranho para Inglaterra; mais tarde, já em França, dispara contra o amigo alguns tiros, num momento de agitação inquietante. Na cadeia de Mons converte-se ao catolicismo, que seria, daí em diante, uma das grandes fontes inspiradoras da sua obra. A sua vida decorre daí em diante numa marcha incoerente, com crises de melancolia e solidão, estadias nos hospitais, resgos de cinismo que chegam ao limite da inconsciência. Verlaine chamava aos hospitais os seus «palácios de Inverno». E nos intervalos dessa desordem, que a embriaguez e a miséria pouco a pouco vão extinguindo, surgem êsses cantos de um lirismo aéreo e comovedor, criações imaginadas nascendo do momento cotidiano, que deram a Verlaine lugar único na poesia francesa.

Há quem pretenda atribuir-lhe lugar decisivo nas origens do simbolismo. A sua influéncia foi grande, decerto, mas indirecta. Alimentou de lirismo, espontaneidade, frescura eternamente juvenil a arte literária que se lhe seguiu, mas não inspirou cânones como Blaudelaire ou Mallarmé. Os poetas que tomaram o lugar da sua geração, nos mais diversos sentidos — Apollinaire, Aragon, Paul Fort, Breton, Eluard — fillaram-se voluntariamente em outros ramos da poesia.

Talvez os tempos novos, com a sua decisiva busca de formas pessoais, a aliança íntima da vida interior com as solicitações externas e o tema ideal da humanidade superando o concreto venha a encontrar em Verlaine um eco remoto e impreco das mesmas aspirações poéticas.

FEACA DE PAPEL

— Mário Dionísio, poeta e crítico literário da nova geração, publicou «Ficha 14», em que debate questões actuais de arte nas suas relações com os problemas sociais. Embora o livro tenha adquirido carácter de polémica, em crítica a pontos de vista expostos por João Pedro de Andrade na «Secra Nova», a importância do assunto versado em face da literatura de vanguarda dá-lhe interesse permanente e valor instrutivo notável.

— Leonor de Campos, que subscreveu já tantas obras dedicadas às crianças portuguesas, publicou agora, para a colecção dirigida por Henriques Marques Júnior, mais um gra-

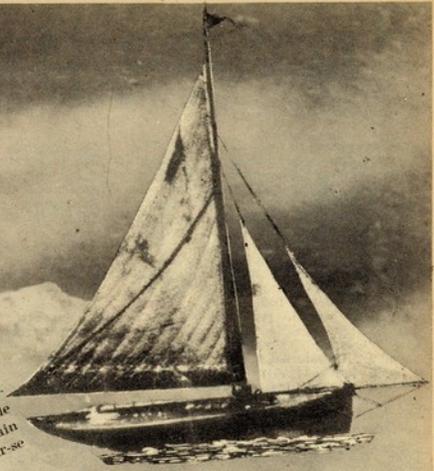
cioso conto, a que deu o título suggestivo de «Os dois compadres marotos». Escrito em linguagem despretençiosa que, aliás, não significa menor cuidado com o desejo de aproximação da linguagem das crianças, «Os dois compadres marotos» encerrando um bom fundo moral e divertindo, val, com certeza, constituir excelente leitura para a miudagem da nossa terra.

— Domingos Barreira, o editor do Pôrto que tanto se esforça por levar à máxima divulgação os romances mais mercedores do conhecimento público e, em especial, das almas femininas, lançou uma nova edição de «A Fidalguinha da Levada», da autora de «Alexandre Malheiro. A crítica deste romance, a que não faltam motivos de leitura atraente, está de há muito feita. E porque o público concordou com a crítica — ai está a razão porque o amorável romance de Alexandre Malheiro atingiu uma terceira edição. Cremos que o facto, em si, vale mais do que os próprios adjectivos.



NESTA figura bem trajada e altiva, elegante «fim-de-séculos», parece difícil adivinhar o dramático Verlaine que andou por cadelas e hospitais, recolhida bêbado a casa nos braços dos amigos e deambulava pelas vielas de Paris, esfarrapado e triste. Passou em 30 de Março o centenário do nascimento deste poeta que exerceu na evolução da poesia moderna uma das mais profundas influências. A França mutilada e trágica dos nossos dias deixou passar em silêncio esta data que viria lembrar-lhe a turva existência deste homem infeliz e melancólico.

ELEGIA À MORTE DE ALAIN GERBAULT



TANTAS vezes estivemos sem saber do navegador solitário durante as suas travessias oceânicas; tão longo tempo ficámos sem saber dele desde que, pela última vez, se afastou dos homens da sua raça para ir viver numa ilha do Pacífico, que é lógico que só três anos passados sobre a sua morte chegue aos ouvidos do mundo a notícia da nossa época, realizou integralmente o sonho de evasão para os únicos vestígios do Eden que a Terra ainda conservava.

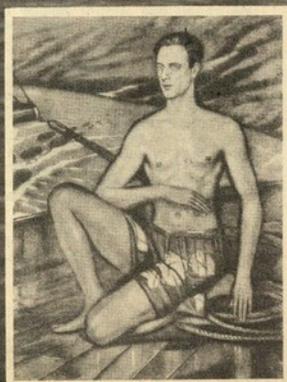
Se a data que desapareceram, para sempre, da superfície das águas, as últimas imagens do Paraíso, não irei consultar o registo dos sucessos desta guerra para verificar a exactidão cronológica dessa destruição do mito das ilhas, ao transformar-se ficar a exactidão do sonho de evasão para os únicos vestígios do mundo a viver historicamente, dia após dia, há cinco anos. Mais mês, menos mês, a morte de Alain Gerbault não pode deixar de ter coincido com a destruição do mito das ilhas, ao transformar-se em campo de batalha toda a imagem do Paraíso.

Que será feito de Alain Gerbault? — perguntava muitas vezes a mim próprio, esperando, logicamente, que o último herói do sonho se conservasse vivo nalgum recife de coral a salvo da metralha dos aviões torpedeiros ou dos couraçados. Mesmo que ainda subsista algum recanto a um homem branco, viver, em qualquer ilha poupada pela guerra ou em qualquer atol, loupado pela civilização, as aventuras de Conrad — que significado teria esse abrigo precário num mundo contulso, que fechou os olhos a imagem do Paraíso?

Eu sei, eu sei que há muito não havia casamentos como o de Loti, que Victor Segalen já não encontrou na Terra Tahiti os antigos homens Maori, que Gauguin não achou, na evasão, a felicidade, e que Marcel Schwob voltou logo para o mundo; sei que Pitcairn é um tema para três anos, esta consolação: o sonho das ilhas de paz, perdidas nos Mares do Sul — a imagem de um ilhota cercado de coqueiros, isolado do mundo por um anel de corais, em meio do infinito oceano, a procurar, não sei em que ilhéu longínquo, o Paraíso efectivamente perdido.

Um escritor ideal, sabendo que a realidade já não oferece aventuras poéticas, imaginou uma aventura ideal: a viagem a uma ilha fantástica — *La Isla sin Aurora*. Nesse novela, Azorin faz dizer ao fantasma de Gaspar Rico, que deu o nome a uma das ilhas do Pacífico: «En la Universidad, más tarde, tampoco estudí ni las sumulas ni las Pandectas. Lo que seguía estudiando eran mis libros favoritos: geografía de países lejanos y poemas; total, ensueños». Pois como esse idealizado navegador espanhol, também eu preferi, aos doutos estudos, as narrações de viagens e os livros de poesia, isto é: os sonhos. Por isso Alain Gerbault foi o único herói do nosso tempo com suficiente prestigio para mim. Por isso lhe queria como a um irmão, com o fim da última quimera com a destruição das ilhas que alimentavam o sonho. Sem a esperança ilusória das ilhas edénicas, como havemos nós, também, de viver?

JOSÉ OSÓRIO DE OLIVEIRA



Banho de sol

(Continuação da pág. 24)

gradavelmente — que, afinal, depois de tê-la impressionado, estava tudo feito: o amor tem uma linguagem internacional e a sua gramática limita-se a bem pouca coisa... E disse, sabia êle: nunca ninguém precisou de um dicionário para possuir uma mulher!... Assim pensando, o nosso herói encontrara-se a um ângulo da amurada, e daí olhara a rapariga num enlêvo extático; dispusera-se já a demorar-se ali todas as horas necessárias, até ela acordar, só para que ao abrir os olhos sobre os sonhos que porventura tivesse sonhado, o visse a êle, moreno e forte, elegante e apalxonado, como primeira imagem de um despertar diurno... O Rodrigues estava admirado por tudo quanto lhe cruzava o cérebro, e, modestamente, atribuiu essa sua desusada agilidade mental ao fascinante poder daquele formosíssimo par de pernas, ali estendidas ao sol, direitas e nuas, radiantes de mocidade, de saúde, de beleza... E reconheceu o seu passivo, nervoso, mágoa nos bolsos, os olhos brilhantes presos naqueles artilhos delgados, na linha perfeita que subia até aos joelhos, na exuberância levemente rosada pelo sol que, em admirável contraste, se sumia no negro esticado do «malhot» — e, apesar de estar em fato de banho, os seus olhos «despiram-na» inteiramente e passaram a «vé-la» na sua plena e gloriosa nudez, ali, dormitando beijada pelo sol ardente dessa manhã clara... Nunca mulher alguma fizera o Rodrigues pensar tantas coisas em tão pouco tempo — que, feitas bem as contas, só pensava a sua coisa... Era esse único pensamento que eloquentemente denunciava o seu olhar atrevido, o premar das suas narinas, todo o seu ar de animal ansioso. Quando se desesperava já com a eternização do sono da baldade, o Rodrigues viu, atônito, ela soerguer o seu busto de estátua, numa atitude que nada tinha de sonolenta; tirar os seus grandes óculos escuros — e fitá-lo de frente, nos olhos, com uma frieza e um desdém que o atarantaram. Afinal, não dormia — «a dormir» estivera êle! Ela vira tudo, gozara a impressão que lhe causara, e manifestava-lhe agora o seu desagrado com aquele olhar azul e claro, carregado de censura, quasi insultante... Sem sabem bem como, o Rodrigues encontrou-se no «deck» de baixo, passou outra vez para trás e para diante — irritadíssimo, vexado.

A tarde, viu-a de novo, à hora do chá; estava com as pernas cruzadas de uma maneira que constituia uma provocação para os olhos de homem ardente do Sul. Aquilo, era demais: pareceu-lhe que, assim, vestida, a curva do joelho e o que se adivinhava para além, tornavam aquelas pernas ainda mais apetitosas do que a sua nudez integral — e ficou-se, disfarçadamente primeiro, descadamente depois, a olhar «aquela maravilha», numa insistência obstinada de hipnótico. Em dado momento, porém, como obedecendo a um imperativo desconhecido, levantou ligeiramente os olhos: logo encontrou os dela, fixos nêle, com a mesma gélida expressão dessa manhã. E como para lhe fazer claramente compreender todo o seu desagrado, a rapariga cruzou as pernas com afectada lentidão, enquanto o trespassava com o seu olhar severo — e, ajeitando a cadeira, fê-lo de modo a ficar de costas para êle... O Rodrigues nem queria acreditar que aquilo fosse possível: era a primeira vez na sua vida que o «bem de sociedade» que lhe acontecia seria tão interessante! Invadiu-o um súbito e estranho mal-estar, e recolheu-se ao beliche, a ruminar no seu insucesso junto da loira estrangeira e a pensar confusamente que, afinal, naquelas coisas náuticas, o tamanho dos navios não tinha a total influência que êle supusera, pois o transatlântico balouçava o suficiente para se sentir muito mal disposto — e, cambaleante, procurou na parede do camarote o balde de lona...

Na manhã seguinte, porém, o Rodrigues acordou desanuviado e alegre, depois de uma noite sem sonhos. O mar serenara, e êle reconsiderava que a atitude dela, portanto, não muito bem «modificar-se». Tinha só que insistir, que não se dar por vencido, que convencê-la de que estava realmente apaixonado... Com êstes pensamentos optimistas subiu ao tombadilho onde, para descobrir, mas pelo outro lado, para poder observá-la à sua vontade, sem ser visto até enten-

der chegada a altura de mostrar-se. Ela já estava, estendida ao sol, com o seu corpo divinamente modelado a receber a carícia foadada do ar. E o Rodrigues passou — passou uma, duas, três vezes, vagarosamente, cravando nela os olhos sedentos. A rapariga continuava, impávida, a ler o livro que lia quando êle chegara; e não mostrou o mínimo indício de ter dado pela sua presença. O Rodrigues, então, para desafiar aquela indiferença, encostou-se ao ângulo da amurada de onde na véspera a examinara — e mal acomodara os ante-braços no parapeto, e descansara ligeiramente uma das pernas, terminando a «pose» em que se preparava para a «decorar», ela, enfadada e sem sequer o olhar, fechou o livro, levantou-se, e com um passo elástico de desportista — foi-se embora...

O Rodrigues nem chegou a acender o cigarro que tinha na boca; atirou-o violentamente ao mar, e viu-o desaparecer; lá para trás, entrou a filigrana branca das espumas. E foi a contemplar êsses caprichosos arabescos que, para se iludir, decidiu que «havia de a irritar» até ao fim da viagem — como se irritá-la tivesse sido, de facto, o seu intento... Nessa tarde, por duas vezes, o seu despeito de repudiado transformou-se quasi em alegria: teve por duas vezes ensejo de verificar que a sua maneira insolente de fitá-la a confrangia.

No dia seguinte, pouco depois do almoço, chegariam a Lisboa — e o comandante decidiu festejar aquela feliz travessia do Atlântico — sem um incidente desde Buenos-Aires — com uma pequena festa nessa última noite de viagem. O Rodrigues vestira aquilo a que chamava o seu «smoking branco», considerara-se impecável — e, bem disposto, entrou no salão. Dançava-se. Afinal, pensou, iam a bordo mais mulheres; mas aquela loirinha esquinha ocupara-o tão em absoluto que nem o deixara reparar nas outras. E foi andando ao acaso, procurando-a. Decidiu forçar a situação, pois não se conformava com a derrota: nessa noite, pedir-lhe-ia para dançar — ela, logo que se sentisse nos seus braços, ao som morno e acariciante de um tango, perderia aquele ar sobranceiro de rainha...

Estava numa mesa, com três homens vestidos de verde e vermelho, contrastava mais ainda a sua beleza ao pé daqueles gigantes grisalhos, caruncados. O Rodrigues admirou a simplicidade do seu vestido negro, que fazia realçar o doirado do cabelo; admirou a linha esbelta das costas e dos braços nus; admirou, acima de todos, os olhos azuis e vivos, viu uns olhos brancos e muito azues fitarem-no com simpatia! Seria possível?!... Mas não, não estava enganado: a rapariga quasi lhe sorria!... Adiantou-se, apressado, por entre as pessoas que pareciam empenhadas em barrar-lhe o caminho, e, para dar um tom cosmopolita ao seu convite, perguntou-lhe em espanhol, com um melifluo *usted*, se queria dançar...

Estava ligeiramente curvado sobre a onda doirada dos seus cabelos, e inebriu-o o estonteante efêvio que ela desprendia de si; houve um momento em que ia a arrepende-se do que fizera, mas já a adorável rapariga estava de pé e afastava os braços, para que a cingisse... Deram algumas voltas num silêncio, e ela, num espanhol cantante, disse-lhe: — Eu não devia dançar, sabe? Ainda por cima falava espanhol! Era o cúmulo da sorte, ter encontrado uma estrangeira que conhecia a língua em que pôde entender-se — e o Rodrigues, exultante, quis saber porque não devia ela dançar. — Se não fosse você quem me foi buscar, acredite que não teria vindo... — sorriu ela, olhando-o entre curiosa e alegre.

Ele presentiu o seu triunfo imminente, e propôs logo que fossem até ao «deck»; estava uma noite lindíssima, e, lá em cima, no tombadilho deserto, poderiam trocar azeiteiramente as suas confidências. A ideia pareceu agradar à rapariga, que prontamente se desprendeu do par, e o acompanhou. E enquanto subiam as escadas, o Rodrigues ia antegozando o seu êxito retumbante: a pequena tentara resistir-lhe, quisera mesmo furtar-se à impressão que êle lhe causara, mas aí estava, vencida, aproveitando pelos cabelos a portunidade daquela última noite de viagem para a aventura de que parecera desenhara. Oh! as mulheres: todas iguázinhas... — e o Rodrigues

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
OFFSET
LITOGRAFIA



Fornecedores
do Estado
Português

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27
P. B. X. 21368-21227

saboreava já aqueles lábios túmidos, que quasi pareciam inchados; e adivinhara o prazer das suas mãos modelando sobre o corpo dela as suas formas admiráveis...

Tinham-se encostado à amurada, e o quadro daquele idílio não podia ser mais propício: luzes apagadas no tombadilho, um luar de sonho espelhando sobre o mar cintilações de safira, e o gemido do oceano, monótono e acariciador, como para abafar as palavras dêles... Muito perto dela, perguntou-lhe: — Como se chama?

A rapariga pareceu hesitar um segundo, enquanto o examinava atentamente com o seu olhar azul — e informou, por fim: — Schmidt...

— Semite... — pronunciou êle, para logo deduzir, triunfante: — Ê, então, inglesa...

Ela olhou-o nos olhos, surpreendida; mas, reparando na pura inocência do companheiro, esclareceu num meio sorriso: — Pode chamar-me Fräulein Schmidt...

O Rodrigues tinha já uma das mãos sobre o pulso del... e foi numa voz perturbado que deixou escapar o galanteio: — Frölein... que lindo nome! Na minha língua, faz lembrar flores...

— e, com o braço livre, envolveu-a pela cintura, aproximando a sua boca sequiosa daquele rosto formosíssimo, que parecia de porcelana e onde não descobriu o mínimo traço de ironia. No momento exacto em que percebeu que ia ser beijada, ela perguntou, muito séria: — Diga-me uma coisa: na sua terra, as mulheres não têm pernas?... e inclinou-se para trás, furtando-se ao beijo iminente.

O Rodrigues abandonou-lhe a pressão em volta da cintura, e respondeu, meio desorientado: — Perdão...

— Sim... Se não têm pernas as suas compatriotas, ou as mulheres que está habituado a ver?... Ele tomou o partido de achar graça «à piada»: claro que tinham, todas tinham, menos as que houvessem sofrido algum desastre...

— Mas, então, porque fica o senhor todos os dias, pasmado, a olhar para as minhas pernas? Não são como as

das outras mulheres? — falava pausadamente, num tom de real interesse que o desmorteou.

— Ê que as suas pernas são... são lindíssimas! — desabafou o Rodrigues, já a suar.

— Ah! Ê só por isso?... — e pareceu tranquilizar-se. — Então, tenho um favor a pedir-lhe...

— Ora essa... — fêz êle, num receio indefinido do que ela lhe pedisse, pois, presentia, as coisas caminhavam de mal a pior.

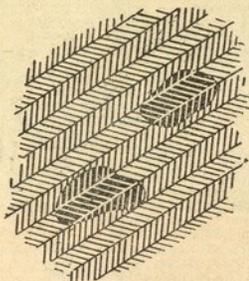
— Amanhã é a minha última oportunidade para o meu maior prazer, que são os banhos de sol. Regresso ao meu país, onde não se pensa agora nessas coisas. Ora, a sua pública insistência em olhar para as minhas pernas, indis põe-me; e resolvi satisfazer a sua curiosidade... — baixando-se num ápice, soergueu a orla da saia, levantando-a até à linha esbelta da cintura — e peço-lhe que as veja agora, à sua vontade, mas de uma vez para sempre!

Atônito, o Rodrigues viu surgirem as pernas dela sob o negro da saia, calçadas por uma seda clara e finíssima, ligeiramente repuxada pelos fechos das ligas — e aquelas pernas admiráveis que sempre gostara tanto de ver, produziram-lhe nesse instante um constrangimento horrível. Encarrou-a, pallidíssimo, embaçado, à procura de uma palavra que vallesse a pena dizer, mas logo ela, implacável e sorridente: — Não olhe para mim; olhe para as minhas pernas. Olhe bem para elas; veja se lhes falta ou se lhes sobra alguma coisa... — e, como êle, aturdido, tivesse novamente baixado os olhos, prosseguiu: — Assim mesmo: examine bem, com êsse ar de conhecedor...

Livido, o Rodrigues implorava ao santo da sua devoção por um buraco que o sumisse! Ela deixou então cair a saia sobre a biqueira dos sapatos, e rematou: — Agora, que já viu, peço-lhe que me deixe em paz, e não me avarece amanhã, quando eu estiver a tomar o meu último banho de sol... — e, sem lhe dar tempo a recompor-se do seu espanto, afastou-se e desceu ao salão, onde se dançava.

O Rodrigues, ao chegar a Lisboa, não contou a ninguém a sua aventura de bordo.

No melhor pano
cai uma nódoa...



Não poderá, pois, evitar as nódoas. Pode, sim, eliminá-las eficazmente mediante o

CASULO Limpa-Fatos

célebre fórmula de 6 substâncias químicas inofensivas, que suprime radicalmente **NÓDOAS, LUSTRO, MAU CHEIRO** e **TORNA OS FATOS COMO NOVOS E MAIS DURAVEIS.**

SÓ CUSTA 2\$50

EM TODAS AS DROGARIAS

Revenda:

SCHROETER

& ALMEIDA

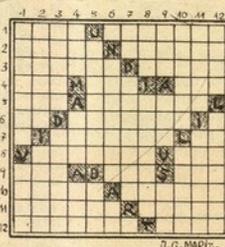
Rua da Madalena,
128, 2.º — LISBOA



PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 48

Por José Gabriel de Mariz Soares da Graça (Coimbra)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1—Mulher formosa; moços de fretes. 2—Escolhe; parreira. 3—Sentimental; resgatar. 4—Nome de mulher; composição poética; gibóia. 5—Cúteis; brilhantes. 6—Artigo definido; Jogo de azar, com prémios pecuniários. 7—País dos Samaritanos; além. 8—Harmoniosas; oíhas. 9—Doença; liga; moeda macaísta. 10—Limpa-das; perfumes. 11—Filtrares; tímlido. 12—Colocar convenientemente; patroões.

VERTICAIS: 1 — Denunciante; cama de lona. 2—Refutas; vivacidade. 3—Verídico; preservar. 4—Actual; pélo de certos animais (ortografia antiga); espécie de sapo do Amazonas. 5—Dispenselro; preposição. 6—Adicionara; incólume. 7—Aparência; sal resultante da combinação do ácido etérico com uma base X. 8—Pátria; matizada. 9—Nome de letra; espaço de tempo; base aérea portuguesa. 10—Fruto do «gamboeiro»; atravessam. 11—Rancores; que se fermentou. 12—Cura; aeriformes.

PROBLEMA N.º 47

Solução

HORIZONTAIS: 1—Celta; Solon. 2—Camões; irises. 3—Ana; Sócrates; all. 4—Ror; roeras; aso. 5—Ovar; erob. 6—Saba; sina. 7—Ês; mó. 8—Lá; os. 9—Agar; atol. 10—Goia; mole. 11—Nus; kepler; ser. 12—Ono; pacóvios; mái. 13—Solano; Vieira. 14—Dante; arula.

VERTICAIS: 1—Caros; agnos. 2—Canova; Gounod. 3—Ema; Rabelais; ola. 4—Los; rasara; Pan. 5—Teor. Kant. 6—Asco; ecoe. 7—Re; Pó. 8—Ar; LV. 9—Sita; eiva. 10—Ores; rolr. 11—Lis; esmoam; seu. 12—Osa; Arlostos; ml. 13—Nelson; oleara. 14—Stoba; leria.

DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora (Espanha)

1.º Concurso Internacional de Problemistas de «Damas»

2.º Concurso da Casa Conhaque «Terry»

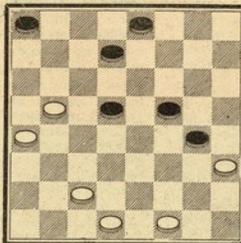
COMPOSIÇÃO N.º 17

(Final artístico)

«La Provincia», 5-10-44 — Las Palmas (Espanha)

Lema: «Shek Sepia III»

Pretas: 6 «Pedras».



Branças: 6 «Pedras».

As brancas jogam e ganham.

NOVAS IDEIAS SOBRE O PROBLEMA DE «DAMAS»

Pelo Dr. Carlos R. Lafora

(Continuação)

Apesar dessas divergências e em virtude dos pontos de contacto primeiramente citados, existem composições que podem considerar-se intermediárias entre o *Final* e o *Problema*. Estas estariam representadas pelo *Final-Problema*.

Já assinaladas as analogias e diferenças entre o *Problema* e o *Final*, podemos concretizar a definição dada para ambos os géneros, a este último, dizendo:

«A *Final de Partida* é uma composição artística que tem por fim apresentar uma combinação engenhosa e precisa para resolver uma posição definida da partida, num número de jogadas não determinado previamente ou o que é o mesmo: O *Final Moderno* é um problema de número indeterminado de jogadas.

Tenho a certeza que depois desta clara definição não restará dúvida entre problema e final moderno (a que depois se chamou final artístico).

Agora vejamos a diferença entre final técnico e final artístico.

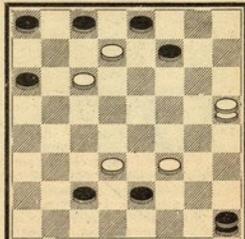
Já vimos que final artístico é um problema de número indeterminado de jogadas. *Final técnico* é em contra-partida uma posição (não composição) das que freqüentemente se dão nas partidas, nas quais com ou sem precisão se ganha por processos técnicos, isto é, seguindo regras estabelecidas na prática ou na teoria.

Exemplo claro do que apontamos é a forçada que a ninguém lembraria chamar problema, apesar de ser um número limitado de jogadas e que é uma verdadeira composição temática, porém, ganha-se por regras teóricas estabelecidas.

(Continua no próximo número)

(Secção Portuguesa)

Problema 51 (Concurso)
Por Raúl Duarte Girão (Pernes)



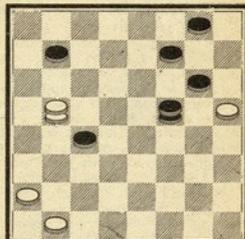
Jogam as brancas e ganham.

JOGO N.º 10

Jogo disputado amigavelmente (por correspondência) entre os Damistas, José António Reis Martins — Caminha: (Branças) e António Eduardo Igrejas — Meigaço: (Pretas).

Martins	Igrejas	
Branças	Lances	
10-14	1.º	23-19
14-23	2.º	28-19
9-13	3.º	32-28
11-15	4.º	28-23
13-17	5.º	21-18
5-10	6.º	18-14
1-5	7.º	14-11
7-14	8.º	23-20
14-23	9.º	20-11
6-15	10.º	27-20-11
3-6	11.º	30-27
6-15	12.º	22-18
15-19	13.º	18-13
2-6	14.º	25-21
10-14	15.º	13-9
12-16	16.º	9-2=D.
19-23	17.º	2-11-18
23-30=D.	18.º	31-28
16-20	19.º	24-15
30-20	20.º	

Posição do jogo ao 20.º lance das brancas...



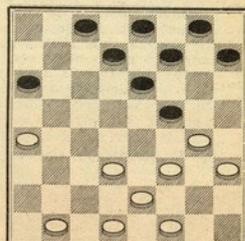
As pretas jogam e dão mate em 4 lances.

PROBLEMA N.º 50 (Concurso)
Solução

14-28	2-9	13-18	9-8
32-23	1-19 (a)	22-13	P
(a) Não	1-19, mas sim	1-14	
13-18	9-27-16-7-21-30		
B.	22-13 (b)	P	
(b) Não	22-13, mas sim	14-21	
	9-7		
B.	P		

RECTIFICAÇÃO

Por ter sido composto com a chapa invertida publicamos, hoje, novamente o diagrama n.º 2 do estudo de uma variante à abertura 10-14,



APP

PRODUTOS DE BELEZA

Rainha da Hungria

ENCANTO NATURAL DA MULHER QUE QUERE CONSERVAR A SUA BELEZA

BANHO DE SOL

UM CONTO INEDITO DE METZNER LEONE

Rodrigues não era mau rapaz, nem antes pelo contrário. Português-nho de gema, com todas as qualidades e defeitos comuns à sua raça, tinha, porém, uma exacerbada tendência para o sexo fraco. Essa tendência fora só a natural, a vulgar, até determinada altura da sua vida; mas desde que estalara a guerra, e começara a ganhar mais e mais dinheiro, e em três anos conseguira ser «pessoa importante» no Chiado e arredores — passara a ter três únicas preocupações: a brilhantina que o barbeiro lhe punha no cabelo, negro e liso; o vinco das suas calças, sempre impecável; e as mulheres, todas as mulheres, que haviam forçosamente de apaixonar-se por ele! A verdade é que à força de tanto se preocupar, conseguira quasi inteiramente ser um «dandy», andar penteadíssimo e ter «aventuras femininas. Ora, como o êxito embriaga, aconteceu ao Rodrigues não achar nunca necessário estudar as razões dos seus sucessos junto das filhas de Eva. Se o tivesse feito, talvez concluisse que elas apenas se rendiam, não tanto por andar muito penteadinho e muito bem vestido, mas, em especial, por saberem que «estava farto» de ganhar dinheiro. Não que ele o desse — não era «um bom»... — mas as mulheres, as mulheres da espécie daquelas que o Rodrigues conquistava, quando pressentem dinheiro têm logo uma esperança, uma daquelas esperanças que só depois da «prova real» pode ser confirmada ou desmentida... Depois dessa «prova real», porém, o Rodrigues desinteressava-se, passava a outra — e, assim, nunca percebeu exactamente que se não se desinteressasse ele, se desinteressariam elas... Este equívoco em que vivia o Rodrigues, mercê do seu prazer da volubildade, trazia-o na feliz convicção de que as suas amadas ficavam depois a pensar nelas, raladinhas de saudade, chorosas e szznhas — e este pensamento enchia-o de orgulho, dessa vaidade petulante que dava ao seu olhar um atrimento e uma displicência, que sinceramente supunha serem o segredo dos seus triunfos.

Há pessoas, felizes, que nunca se interrogam a si próprias nem às causas profundas daquilo que se passa à sua volta — por isso não se conhecem nem imaginam o papel que representam na vida. O Rodrigues era assim — senão, havia de ter compreendido que se encontrasse uma mulher indiferente ao seu alfaiate, ao seu barbeiro e ao seu livro de cheques, ele nada teria que a impressionasse... Analfabeto elegante, que começara vendendo capilés num quiosque, continuara como marçano, e ascendera depois a mecânico de automóveis — iniciara-se, por fim, nos mistérios da recauchutagem e outras indústrias «de guerra», e é-lho, ao romper dos trinta e seis anos, feito um senhor da sociedade lisboeta, que poderia passar por bem-falante se falasse pouco, e de quem até se dizia já ser «um rapaz muito fino»... Isto, era o Rodrigues. E foi este bom Rodrigues — no fundo, um ingénua... — quem um belo dia teve de ir ao Funchal, tratar de «um assunto lá da garagem». Para lá, enjouo imenso; e decidiu que não voltaria senão num grande transatlântico, que fosse tão grande que quasi não balançasse sobre aquelas ondas que lhe tinham dado volta ao estômago! E nessa manhã radiosa de sol em que o Rodrigues se despede da Madeira, para regressar a Lisboa, que vamos encontrá-lo, caminhando lestandamente pela ponte de embarque. Traz o seu belo fato de viagem cinzento-pérola, com o corte inimitável de certo alfaiate da rua do Ouro; traz uma espantosa gravata, única em Lisboa, do «Pitta»; traz uma das suas muitas camisas de seda-crua; traz, mesmo, num dos bolsos do Jaquetão, as luvas de «peccari», que não calça nunca; traz uns sapatos de camurça e pele de crocodilo, de uma sapataria do Chiado — enfim, o nosso herói vem radiante de felicidade, impecável na «toilette», e deslumbrado com a imponência do paquete que, fundeado ao largo, está imóvel sobre as ondas. E mesmo enquanto vai descendo as escadas do cais para tomar lugar no «gasolina», o Rodrigues não deixa de olhar o soberbo navio, imaginando

como aquilo será lá por dentro, tudo confortável e luxo, com salas de jôgo e «bars» — assim como já tem visto no cinema... Impaciente, pergunta «porque esperam» para largar. O ilhéu do motor responde-lhe qualquer coisa que nem ouve, a ponta do pé a bater nervosamente no chão da lanca e o busto debruçado como para estar mais perto do paquete... E nesse instante que imagina «como aquilo será» que o assalta um pensamento: e mulheres? Haverá mulheres a bordo?...

O transatlântico vinha da América do Sul, e o Rodrigues calculou logo que viesse a regorgitar de estrangeirada. Mas, com a guerra, parecia-lhe bem possível que só trouxesse homens... O «gasolina» largara do molhe sem ele dar por isso, tão absorto estava nas suas conjecturas; iam ficando mais longe, recortadas no azul sereno da manhã, as cumieiras irregulares da ilha maravilhosa, toda verde até ao rés-da-água, onde aparecia, de quando em quando, a mancha dourada de um areal; casinhas brancas, muito brancas e de telhados escarlates, trepavam pelas encostas, solitárias ou em grupos no meio da vegetação cerrada; de quasi todas subiam para o ar pequenas nuvens tranqüilas de fumo claro — e a esteira redemoinhenta que o barco deixava atrás de si era cada vez mais longa, descrevendo na baía uma larga curva imposta pela corrente. Mas o Rodrigues, de costas voltadas para terra, fascinado com o progressivo aumentar do tamanho do navio e com a circunstância de ir distinguindo melhor os vultos das pessoas que via nos tombadilhos, decidira já, como homem prático, que se entre os passageiros não houvesse «nada de jeito», havia de arranjar-se, ao menos, com uma criada de bordo. Lá chegar a Lisboa sem uma aventura no alto-mar, é que ele não queria. Que diabo — era fazer uma triste figura, depois, na roda dos amigos ávidos de novidades, sem nada para lhes contar! Porque inventar, não: isso não fazia nunca — tudo o que costumava contar dos êxitos galantes era verdadeira; lá mentiroso é que não podia chamar-lhe...

Postas as malas na «cabine» — onde se demorou a examinar em pormenor o funcionamento dos fechos amarelos que faziam desaparecer o lavatório, embutindo-o na parede — o Rodrigues subiu ao «deck» para «deitar uma vista de olhos»... Ia penteadinho de fresco e caminhava com o seu ar de triunfador incontestado, dando importante aos ombros e sacudindo amidade o punho da camisa, num tic que lhe parecia de bom tom, em tudo de harmonia com a sua qualidade de passageiro da primeira classe. À medida que ia vendo os seus companheiros de viagem, verificava não se ter enganado nas suas previsões: tudo homens, a falarem umas línguas bárbaras, que não percebia e o imitavam. Entrou em todos os salões, prescru-tou coxias e corre-

dores, desceu e subiu, e só deparou com grupos graves, de gente grave, falando gravemente sobre assuntos de que não entendia palavra! Apenas lobrigara duas mulheres: velhas, feias, de óculos e silenciosas — fazendo «crotchets» no tombadilho!

O navio levantara ferro e começara a mover-se lentamente no oceano — e o Rodrigues subiu ao «deck» mais alto para dali admirar a mancha verde da ilha, que se distanciava. Mas nem para lá voltou os olhos: diante dele, mal acabara de subir íngreme escada chapeada de metal, surgiu uma mulher em «maillets» estendida numa «dormeuse» de lona vermelha. Parou, melo aturdido: esperava tudo, menos aquilo, ali, naquele horrível navio cheio de gente velha e feia! Ela parecia dormir, com uns grandes óculos escuros que lhe escondiam quasi todo o rosto e uma cabeleira fulva, platinada, que rebolava ao sol. Os seios alteavam-se-lhe compassadamente, ao ritmo certo e sereno da respiração — e, contemplando-a, o Rodrigues concluiu que nunca vira, em carne e ósso, corpo mais esbelto, beleza mais perfeita. As pernas, então!... Eram umas pernas especiais, harmoniosas e excitantes, fortes e delgadas, que até pareciam falar! E aquele portuguêsinho valente resumiu todas as suas impressões numa fórmula breve: «Que colosso!»...

Depois de a mirar e remirar algum tempo, pensou que era chegada a altura de chamar a atenção do «colosso» para a sua pessoa — e começou a passear, numa aparente despreocupação, para trás e para diante. O ruído dos seus passos havia de arrancá-la àquela solenidade em que estava... Pensou, mesmo, em advertir a linda rapariga de que faz mal adormecer enquanto se toma um banho de sol — mas lembrou-se de que não saberia dizer-lho, pois ela não tinha ar de portuguesa, e ele, a respeito de idiomas, não ia além do castelhano de quinta ordem aprendido com as espanholas dos «dancings». Lástima!... Como haveria de entender-se com ela, quando a tivesse conquistado com a simples exibição da sua bela figura? Esta interrogação surpreendeu-o desa-

(Continua na pág. 22)

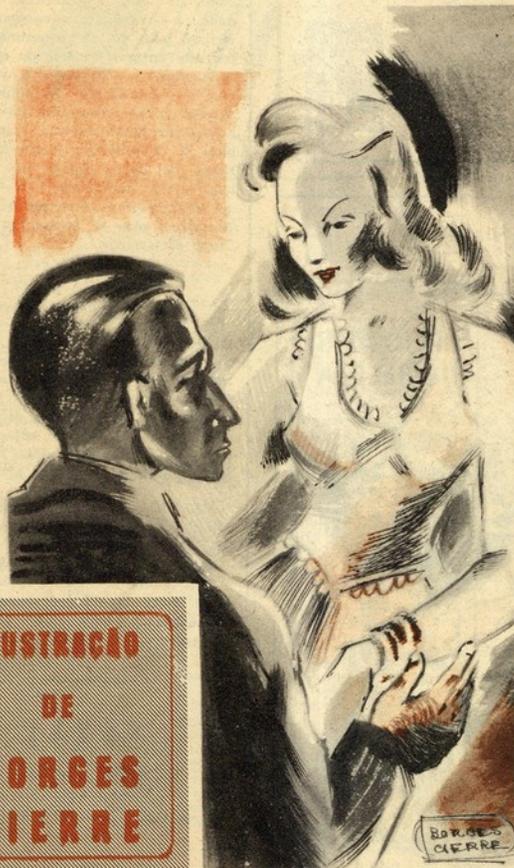


ILUSTRAÇÃO
DE
BORGES
CIERRE

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ª — Trav. Condessa do Rio, 27